



ANO 6 - NÚMERO 67 - MAIO 2020

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$15



NO ROMPER DA MADRUGADA, A BUSCA POR ARAPARI

p. 08

MEIO AMBIENTE

Água, mais Água

p. 26

SAGRADO INDÍGENA

Hora de descobrir um
paraquedas

p. 41

SUSTENTABILIDADE

O que poderá vir depois
do coronavírus?

p. 46

ACAIXAÉTODASUA

Mais uma vez, a Caixa e os seus empregados levam esperança a milhões de brasileiros.

Mais do que nunca mostramos a força e a importância do banco público.

Seus empregados, em teletrabalho ou na linha de frente, se expõem a riscos para atender a toda a população, com cuidado e respeito, conscientes da confiança depositada no trabalho que realizam.

Só a **Caixa 100% pública** pode atender a todos, sem distinção, em especial aos que mais necessitam.

**Caixa:
imprescindível para
todos os brasileiros.**

“ Cada palavra tem sua consequência.
Cada silêncio, também. ”

Jean-Paul Sartre

COLABORADORES/AS - MAIO

Ailton Krenak – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Beny Schmidt** – Médico. **Bernardo Élis (in memoriam)** – Escritor. **Bia de Lima** – Professora. **Daisy Queiroz** – Artesã. **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Sader** – Sociólogo. **Henda** – Escritora. **Iêda Leal** – Professora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Jaime Sautchuk** – Jornalista. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Gil Barbosa Terceiro** – Folclorista. **José Ribamar Bessa Freire** – Professor. **Leonardo Boff** – Escritor. **Luca Ferrante** – Biólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Matari Kayabi** – Líder Indígena. **Olavo Bilac (in memoriam)** – Poeta. **Philip Martin Fearnside** – Cientista. **Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno** – Escritor. **Ricardo Stuckert (capa)** – Fotógrafo. **Thiago de Mello** – Poeta. **Zezé Weiss** – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. **Zezé Weiss** – Jornalista. **Agamenon Torres Viana** – Sindicalista. **Ailton Krenak** – Escritor. **Altair Sales Barbosa** – Arqueólogo. **Ângela Mendes** – Ambientalista. **Antenor Pinheiro** – Jornalista. **Elson Martins** – Jornalista. **Emir Sader** – Sociólogo. **Graça Fleury** – Socióloga. **Jacy Afonso** – Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** – Sindicalista. **Kleitton Morais** – Sindicalista. **Lucélia Santos** – Atriz. **Iêda Leal** – Educadora. **Iêda Vilas-Bôas** – Escritora. **Rosilene Corrêa Lima** – Jornalista. **Trajano Jardim** – Jornalista.



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição - Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

A Língua Portuguesa usada no Brasil, como sabemos, é enriquecida pelo que nos trouxe o escravo africano e nos legam os povos indígenas que ocupam essas plagas desde muito antes de os portugueses aportarem por aqui. Arapari, por exemplo, é palavra dos tucanos e outros grupos habitantes das margens do rio Solimões, um dos formadores do gigante Amazonas.

Arapari é um termo da mitologia indígena daquela região e significa Cruzeiro do Sul, ou aquele que aponta caminhos, dá pra escolher. Desde que surgiu na face da Terra, o ser humano evolui, mas repete seu procedimento, sua busca pela supremacia, em verdade. E agora parece estar numa encruzilhada.

Este é o tema da matéria de Capa desta edição de Xapuri, escrita por Altair Sales Barbosa, com primor e sabedoria. Ou os humanos seguem a trilha do equilíbrio e da esperança ou levarão o Planeta a um fim trágico, sem que sobre quem derrame lágrimas.

Isto, porém, não é tudo, pois temos muito mais a degustar nesta revista que começamos a folhear. A começar por um perfil do cientista Miguel Nicolelis, um brasileiro que mostra ao mundo que o Brasil também sabe fazer ciência e tecnologia. E muito mais.

A boa poesia que se faz nesses rincões, de Bilac a Matari Kayabi, ou os encantos do bico-virado-da-caatinga, um pássaro tipicamente nacional. Ou, também, Emir Sader revela as peripécias de um governo que não existe e por isso mesmo é uma ameaça ao País.

Uma receita de bolinho de chuva recheado põe um cheirinho gostoso nestas páginas, enquanto um dedo de prosa com Dona Babi de Formosa atesta o peso da presença árabe nos confins de Goiás. De quebra, Leonardo Boff arrisca prever o que virá depois do Coronavírus que maltrata a Humanidade.

São, enfim, páginas repletas de bons assuntos, abordados de forma diferente, criativa, sempre carinhosamente ilustrados, com amor e arte. É isso que os e as queridas leitoras irão encontrar daqui em diante.

Boa leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Salve, salve, Xapuri! Espero que tudo esteja bem por aí e que siga na paz.

Ailton Krenak, Resplendor – MG.

Parabenizo o companheiro Jair Pedro Ferreira, em nome de todos os trabalhadores e de todas as trabalhadoras da Caixa que, com o Movimento Solidário, tornam possível esse trabalho de revolução social no Maranhão. Parabéns à Xapuri pela matéria sobre Belágua (edição 65) e pelo perfil do Jair (edição 66).

Andrea Mattos, Rio de Janeiro – RJ.

“Em tempos de pandemia, solidariedade é vida”. Belo título para uma excelente matéria. O que nos salva, de fato, é a solidariedade.

Joaquim Souza, Planaltina – GO.



08 CAPA
No romper da madrugada,
a busca por Arapari

19 BIODIVERSIDADE
O bico-virado-da-caatinga

17 LITERATURA
Ora (direis) ouvir estrelas!

20 CONSCIÊNCIA NEGRA
O presidente pode
nos matar

18 AMAZÔNIA
Coronavírus, desmatamento
e fogo na Amazônia

24 CULTURA INDÍGENA
As estrelas, eu pensava
que eram filhotes da Lua

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

25 CONJUNTURA
Governo de catástrofe nacional

34 MEMÓRIA
Carta a Aldevan Baniwa:
o brilho da floresta

26 MEIO AMBIENTE
Água, mais Água

37 MITOS E LENDAS
A lenda do pica-pau
guardião

28 AVOSIDADE
Muito além da qualidade de vida

38 PERFIL
Miguel Nicolelis:
cientista transparente

29 FORMOSA
Labibe Saad Generoso:
a nossa Dona Babi de Formosa

41 SAGRADO INDÍGENA
Hora de descobrir um
paraquedas

30 ECOTURISMO
Pra onde será que eu vou,
quando essa pandemia passar?

46 SUSTENTABILIDADE
O que poderá vir depois
do coronavírus?

32 HISTÓRIA SOCIAL
A enxada

48 UNIVERSO FEMININO
Ishtar: grande mãe a
correr os céus, dona do
cinturão de estrelas

33 GASTRONOMIA
Bolinho de chuva recheado

Imagem do mês

@IzaleteTavares

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag
#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!



NO ROMPER DA MADRUGADA, A BUSCA POR ARAPARI

Altair Sales Barbosa

Arapari é um termo da mitologia indígena do Rio Solimões, que significa Cruzeiro do Sul, aquele que aponta caminhos.

Enquanto o ser humano continuar se sentindo onipotente, filho onipresente do Criador, resultado da crescente desnaturização causada pela solidificação do monoteísmo, nossa espécie seguirá por este pequeno planeta deixando rastros nos lugares por onde passa, sem se preocupar com o mundo que a rodeia, até o dia em que, se continuar agindo dessa forma, pega pelas próprias armadilhas da evolução, provavelmente será extinta. O planeta, este continuará sua jornada por mais alguns bilhões de anos até ser engolido pelo Sol, que se transformará numa estrela gigante.

Desde quando se tornou *Homo sapiens sapiens*, por volta de 60 mil anos antes do presente, ainda na velha África, após sucessivos êxitos evolutivos e competitivos que, há mais de 2 milhões de anos, levaram um primata superior de Oldwai, ou da África do Sul, a se transformar de *Australopithecus* em *Homo habilis*, depois em *Homo erectus*, depois em *Homo sapiens* arcaico e, logo em seguida, no *Homo sapiens sapiens*, esse ser aparentemente frágil saiu pela Terra ocupando territórios e modificando ecossistemas.

Para dominar fontes de proteínas, vitaminas, açúcares e sais minerais mais fartas, começou a matar os próprios irmãos. Ainda como *Homo erectus* aprendeu a dominar o fogo e, com isso, conseguiu expulsar das cavernas os animais carniceiros, para ocupá-las como local de abrigo. É nessa fase que conquista o Oriente Próximo e grande parte da Eurásia.

Baseada na caça, coleta de frutos, cata de ovos e moluscos marinhos e nos litorais, ena coleta de moluscos terrestres nas áreas interiores, a economia dos primeiros *H. sapiens sapiens* não era nada simples, exigia um grande conhecimento do ambiente e uma complexa estrutura social hierárquica, com divisões etárias e sexuais de trabalho, e normas rígidas para os laços matrimoniais.

Embora os *H. sapiens sapiens* sejam genericamente chamados de caçadores-coletores, com uma dieta onde também entravam várias espécies de insetos, em determinadas épocas do ano muitos eram essencialmente pescadores. Ainda que de forma tênue, alguns dos modelos desse sistema de vida persistem em alguns bolsões do planeta, notadamente na África, na América do Sul e em algumas ilhas isoladas do Pacífico.

Ao contrário do que muita gente imagina, os caçadores-coletores não eram seres pacíficos que viviam em equilíbrio com o meio ambiente. Assim como nós, eles usaram seus conhecimentos para explorar o ambiente num grau extremo, deixando as marcas do extermínio por onde passavam. Pouco antes de 30 mil anos atrás, já adaptados aos ambientes euroasiáticos, esses nossos ancestrais levaram à extinção o *Homo sapiens neanderthalensis*, única espécie humana diferente da nossa contemporânea, do *Homo sapiens* moderno, o *H. sapiens sapiens*.

Os Neanderthais viviam em cavernas e fabricavam instrumentos de pedra lascada e ossos que



competiam com os fabricados pelo *H. sapiens sapiens*. Uma característica importante sobre os Neanderthais é que eles foram os primeiros humanos a sepulturar seus mortos e a colocar flores sobre suas sepulturas, provavelmente acreditando numa vida pós-morte.

E assim, sozinhos enquanto espécie, essa aparentemente frágil criatura iniciou seu reinado sobre a Terra. Desde a Eurásia, começou a ocupar pequenas ilhas nos oceanos Índico e Pacífico, o que foi possível porque o mundo vivia um dos estágios da glaciação de Wurm/Wisconsin. Como o nível do Oceano estava mais baixo em relação ao atual em cerca de 100 metros, foram criados os corredores que ligavam essas ilhas ao continente.

ANDARILHOS ERRANTES

Apartir da fragmentação da Gondwana, a Austrália, bem como outras ilhas do Pacífico e do Índico, tornou-se uma área ambiental isolada e por essa razão teve um processo evolutivo da flora e da fauna diferenciado. Nesse ambiente estável, as espécies vegetais e animais tornaram-se especializadas, com cada espécie ou conjunto de espécies ocupando seu lugar na cena ecológica em um ambiente de equilíbrio, até que todos os nichos tivessem sido ocupados.

Ao chegar, o *H. sapiens sapiens* terminou por causar modificações drásticas e por criar situações de desequilíbrio no habitat original da Austrália. Em poucos séculos, das 24 espécies de pequenos animais que viveram no Pleistoceno superior, 23 desapareceram, e mais de 90% da megafauna australiana foi extinta. Desapareceram os cangurus gigantes de 200 kg, os grandes répteis, os grandes coalas, as aves maiores do que os avestruzes, o leão marsupial do tamanho de um tigre, e o diprotodonte, um grandemarsupial semelhante aos *heremotherium*, preguiças-gigantes da América do Sul.

Como foi possível tamanha destruição, com tecnologias de caça tão simples? Muitos especialistas colocam o clima como fator primordial nesse processo de extinção, mas essa tese desconsidera a dinâmica do clima e sua relação com os processos adaptativos e, talvez por desconhecimento, a própria história evolutiva do planeta. Os animais extintos na Austrália já estavam adaptados aos diversos ciclos climáticos que atingiram a região desde os primórdios do Pleistoceno.

O fato é que, por desconhecer o primata humano, a fauna da Austrália não desenvolveu sistemas de autodefesa para enfrentar o ataque de um animal aparentemente tão inofensivo. E, como os animais australianos possuíam ciclos de gestação de longo prazo, as mortes causavam um longo tempo de espera, até o surgimento de uma nova geração. Outra explicação é que, por dominar o uso do fogo, o *H. sapiens sapiens* cercava as manadas que, rodeadas pelas chamas, eram empurradas para os precipícios, onde morriam ou ficavam aleijadas. O uso do fogo também mudou radicalmente a fisionomia vegetal da Austrália, e o eucalipto, resistente ao fogo, se espalhou por áreas antes ocupadas por outro tipo de vegetação.

Essa devastação também ocorreu em outras áreas do mundo. Quando os ancestrais dos Maoris chegaram à região onde hoje é a Nova Zelândia, a maior parte da megafauna foi extinta e mais de 60% da avifauna desapareceu por completo. Quando, em época mais recente, os eurásianos conseguiram desenvolver indumentárias que os protegessem do frio, o *H. sapiens sapiens* atingiu a Sibéria e, também de forma devastadora, dizimou os mamutes, os mastodontes, as espécies endêmicas de rinocerontes e algumas espécies de renas.

Quando os interglaciais permitiram a formação de corredores de migração, hordas de *H. sapiens sapiens*, perseguindo animais gregários, sem se dar conta, entraram no continente americano. Muitos ficaram na América do Norte e, em menos de 2 mil anos, chegaram até a Terra do Fogo, no extremo sul das Américas. Ao longo da jornada, mataram milhares de bisontes, toxodontes, camelídeos, cavalos, grandes aves, preguiças-gigantes e tatus gigantes, e extinguiram até o tigre-dentes-de-sabre, cujo nome em latim é *Smilodon populator*, que significa devastador, embora fossem eles os devastados.

Ante essa realidade, uma pergunta: por que os elementos da megafauna africana sobreviveram? A resposta está no fato de que os humanos, desde os primeiros ancestrais até o *H. sapiens sapiens*, viveram mais densamente na África, e isso fez com que os animais africanos criassem mecanismos de defesa contra sua predação. Somente em épocas bem modernas, com outras tecnologias bélicas, é que o *H. sapiens sapiens* conseguiu levar à extinção animais como a quagga, uma espécie de zebra garbosa, caçada impiedosamente pela beleza da sua pele.

REVOLUÇÃO AGRÍCOLA

Também conhecida como Revolução Muscular, a Revolução Agrícola inaugura a primeira grande revolução tecnológica na história da humanidade. Entretanto, ao contrário do que se pensa, esse não foi um processo evolutivo harmonioso, nascido às margens do rio Nilo, por obra da mente engenhosa de alguns habitantes dos vales do Tigre e do Eufrates.

Na verdade, a domesticação de plantas e animais começou por volta de 10 mil anos atrás, como um fenômeno universal. Próximo ao Oriente Médio, foram domesticadas espécies de trigo, ervilhas, lentilhas, oliveiras, videiras. Na Península Ibérica, domesticaram os citros. Os figos e as maçãs foram domesticados no interior da Europa. O arroz, no extremo oriente. A cana-de-açúcar e a banana, na região onde hoje se situa a Nova Guiné. A manga, na Índia.

À mesma época, na África foram domesticados o arroz africano, o sorgo e a melancia. E nas Américas domesticou-se o feijão, o algodão, o milho, o tomate, a pimenta, o pimentão, a abóbora, a batatinha, a batata-doce, o cará, a taioba, a quinoa e a mandioca, que é o mais antigo alimento desidratado de que se tem notícia: a farinha de mandioca.

A domesticação animal ocorreu paralela à domesticação vegetal. Alguns animais foram amansados pela sobra de alimentos jogadas pelos humanos, que também os protegia de possíveis predadores. Na Índia, o *H. sapiens sapiens* passou a conduzir rebanhos de

Bos indicus, o boi indiano, para as regiões de capins mais suculentos. Em troca, deles recebia os bezerros, o leite e o esterco, usado na calefação. Diferente do Velho Mundo, onde houve grande domesticação de animais como bovinos, suínos, ovinos, caprinos e galináceos, nas Américas no máximo três espécies foram domesticadas: a lhama, a chinchila e o peru.

Das milhares de espécies que nossos ancestrais domesticaram, apenas algumas se mostraram aptas para a agricultura e para o pastoreio. No caso do pastoreio, a domesticação é feita para que o animal forneça uma série de produtos, as crias, o leite, ovos, pelos, couros e, por fim, a carne, num processo em que o animal vai sendo consumido aos poucos.

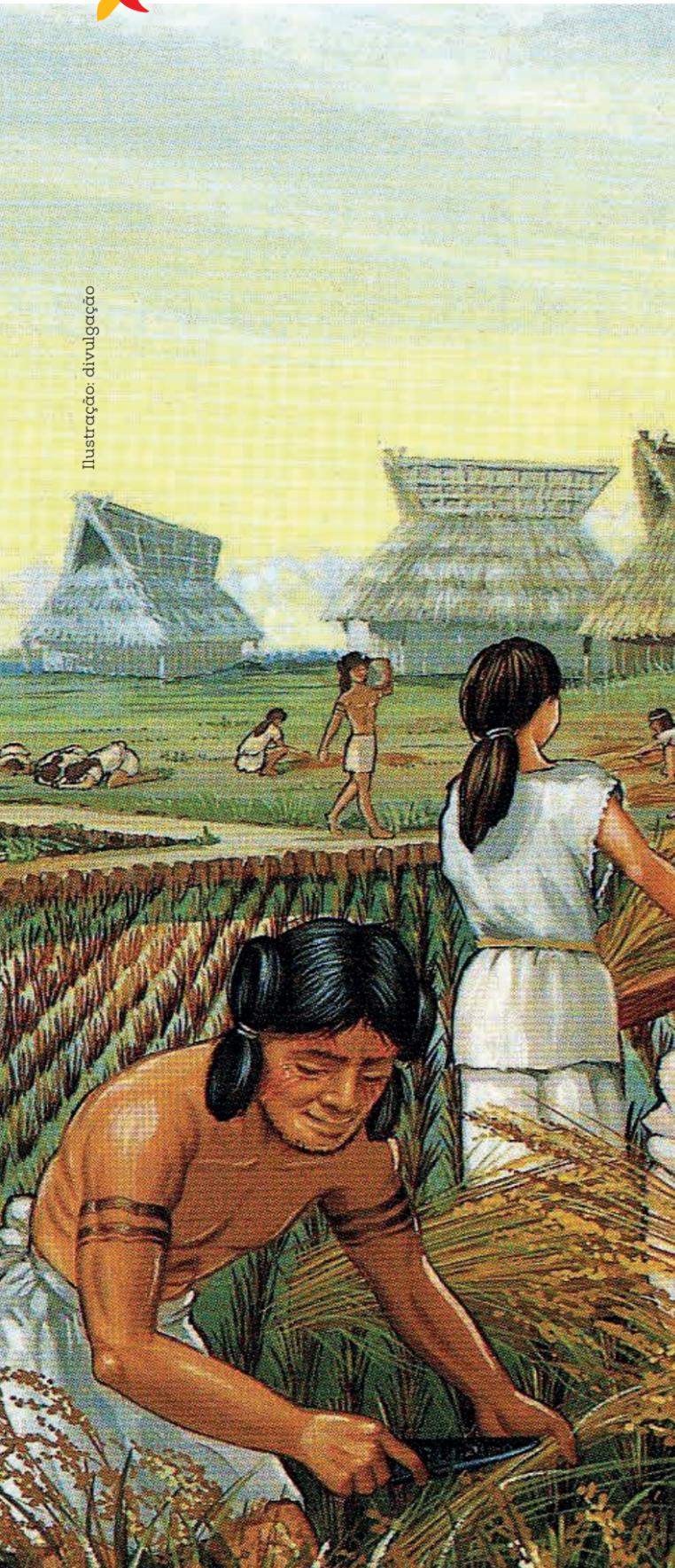
No Brasil, como em outros rincões do planeta, criar animais requeria muito mais energia do que ir à caça. Foi assim que, sem oferecer leite em quantidade, a fauna brasileira conseguiu sobreviver. Caçava-se pela carne, pelos ossos e por algum tipo de couro.

Por volta de 5 mil anos atrás, o processo de domesticação de plantas e animais terminou. Hoje, com toda a tecnologia acumulada, cerca de 90% dos alimentos que consumimos vêm das plantas e animais domesticados por aqueles primeiros. O restante vem das melhorias causadas pela manipulação genética.

Antes de 10 mil anos, toda a humanidade era caçadora-coletora. Em breve, provavelmente nenhuma o será, as populações humanas que ainda vivem assim serão extintas, civilizadas ou corrompidas, dependendo do ponto de vista.



Foto: divulgação



O GRANDE SALTO

A Revolução Neolítica marca o grande salto da humanidade em relação aos demais seres vivos da Terra, um salto maior do que nos seus 2 milhões de anos de história. Aprende a moer grãos; inventa instrumentos agrícolas como a foice e a enxada; inventa a cerâmica e o tecido; escava as primeiras minas. De um modo geral, passa da vida nômade à sedentária.

Nascem os primeiros núcleos humanos, depois transformados nas pequenas cidades e, nos milênios seguintes, nos impérios da Antiguidade. Nessa época, surgem as grandes correntes religiosas, tanto as orientais quanto as ocidentais, que persistem até os dias de hoje. Nesse período, os humanos passam a sentir na própria pele os efeitos cíclicos do clima e, no ano em que suas plantações não são suficientes, eles partem em hordas bélicas para atacar outros povos que porventura tiveram abundância. Nessas circunstâncias, instalam-se as guerras.

Embora a arte rupestre já fosse companheira inseparável dos caçadores-coletores, muitos dizem que é na Antiguidade que florescem as artes e a filosofia, sistematizada pelos gregos, como se os caçadores-coletores já não tivessem um sistema filosófico repleto de pensamentos abstratos e concretos. Entretanto, uma coisa nova e extraordinária acontece nesse contexto: a invenção do alfabeto fonético, este, sim, trouxe para a humanidade uma nova forma de ser, tanto individual quanto coletiva e, no seu bojo, gesta o germen do pensamento científico.

Segundo Rose Marie Muraro, a invenção do alfabeto veio romper em estilhaços toda a estrutura da sociedade primitiva, abriu as sociedades até então fechadas sobre si, imersas no mundo oral e mágico, para o pensamento abstrato, dependente de uma atividade essencialmente visual.

Embora trouxesse um potencial de possibilidades que pudesse conduzir o ser humano para uma visão de globalidade, o maior legado desse fato foi a noção de que o *H. sapiens sapiens* passou a se sentir um ser ainda mais superior e, cada vez mais, foi se afastando da natureza, ou melhor dizendo, dos outros elementos que compõem o meio ambiente. O ser humano começa, então, a se sentir onipotente.

As consequências da palavra escrita são discutidas em profundidade por Marshall McLuhan e por Muraro. A leitura desses autores reforça a ideia de que, além de não perder seu espírito predatório e egoísta, o *H. sapiens sapiens* adquire mais uma característica, o individualismo. Outros inventos da Antiguidade, como a roda, o papiro, a estrada, a catapulta, os metais e o uso do petróleo em estado bruto, foram criados a partir das necessidades geradas pela competição entre vilas, cidades, castelos e impérios.



UM MARCO EXTRAORDINÁRIO

Todos os impérios do mundo lograram seus êxitos com base numa sociedade escravagista. Isso aconteceu na África, no Oriente Próximo, no Extremo Oriente, na Europa, na Mesoamérica e na América do Sul. O Império Incaico, por exemplo, estendia seus domínios dos Andes até o rio Paraná.

Essa situação durou até o século 15, quando algo novo aconteceu: a invenção da Imprensa por Gutenberg, baseando-se no sistema de prensa já utilizado na China, há pelo menos 300 anos. Gutenberg criou um sistema de tipos móveis que permitia a composição de páginas inteiras. E, aperfeiçoando o sistema da prensa chinesa e utilizando o papel também vindo da China, largamente já utilizado na Europa, com uma vantagem singular sobre o papiro e o pergaminho, criou um sistema de impressão e, por isso, é considerado o pai da Imprensa.

A criação da imprensa foi um marco revolucionário. O primeiro grande fruto da imprensa foi o livro, considerado o primeiro objeto fabricado em série. Através do livro, a imprensa trouxe para a humanidade uma maior democratização da cultura, mas trouxe também uma nova técnica, a mecanização, cuja principal característica é a capacidade de produção em série. Trata-se de uma extensão das funções humanas de consequências profundas.

A mecanização permitiu o advento de vários modelos de máquinas, que foram ao longo do tempo se aperfeiçoando e se transformando em grandes forças produtivas, permitindo um grande acúmulo de capitais para aqueles que detinham a propriedade dessas. E, pela primeira vez na história, a humanidade viu aumentar a margem entre o lucro e a vida.

Enquanto a espécie humana colhia os frutos da mecanização com todas as suas consequências, especialização, urbanização etc., algo de novo aconteceu: a invenção da tecnologia elétrica. O símbolo da nova era, a idade elétrica, pode ser considerado a invenção da lâmpada incandescente, no início do século 20, que terminou com o ciclo natural da escuridão.

As antigas máquinas foram aperfeiçoadas. A nova jornada não só permitiu o trabalho noturno como, associada às novas e mais ágeis máquinas, aumentou ainda mais a concentração de capitais nas mãos dos que detinham os meios de produção. Vieram vários avanços nas ciências e na tecnologia.

Surgiram o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, os automóveis, o avião, o cinema e várias novas indústrias, incluindo as farmacêuticas, os fertilizantes e o início da mecanização da agricultura. Vieram os venenos para combater as várias pragas que causavam epidemias da humanidade como a peste bubônica, a doença de chagas, a malária, a doença do sono, transmitida pela mosca tsé-tsé, a cólera, a dengue e assim por diante. Também surgiram as vacinas e o antibiótico.

Entretanto, foi na idade elétrica que aconteceram as duas grandes guerras mundiais, em ambas a ciência associada à técnica cresceu de forma vertiginosa, até permitir que a humanidade manipulasse a fissura nuclear, cujo fruto, a bomba atômica, usada contra os japoneses em 1945, coloca fim à Segunda Guerra, já quase na metade do século 20. No entanto, o final da Segunda Guerra fez com que a humanidade começasse a desenvolver projetos científicos e tecnológicos de forma alucinante: foi assim com os foguetes para bombardeio.

REVOLUÇÃO ELETRÔNICA

Em 1948, o mundo científico começa a usar de forma mais frequente a palavra cibernética, termo que vem do grego (*kybernetes*), que significa aquele que governa. Com a cibernética, nasce a era da automação, a quarta grande revolução na história da humanidade, chamada de Revolução Eletrônica. Seu precursor foi o físico austríaco Norbert Wiener.

Todos os grandes inventos que surgiram depois foram frutos dos cálculos efetuados pelos computadores eletrônicos, que a cada momento se sofisticavam mais e mais, até chegarmos ao quadro atual. Com o auxílio do computador, foi possível a construção de máquinas nunca imaginadas, grandiosas e potentes. Com elas, o ser humano conquistou o espaço, ocupou todos os rincões para novos empreendimentos agrícolas e pastoris, mudou os cursos dos rios, secou mares, aplainou montanhas e manipulou a genética humana vegetal e animal.

De modo geral, incrementou a comunicação via satélite, em níveis jamais imaginados, mudou de forma avassaladora os ecossistemas da Terra, continuando a obra iniciada pelos caçadores-coletores. A grande diferença entre a tecnologia elétrica e a tecnologia eletrônica reside no fato de que os computadores foram projetados para funcionar igual aos neurônios do cérebro humano. A computação trouxe para a humanidade grandes revoluções e criou um mundo de relações instantâneas.

Mas é importante destacar que a aldeia global pensada nos parâmetros de McLuhan não se concretizou, primeiro porque os grandes meios de comunicação ficaram nas mãos de corporações ou órgãos estatais, onde 80% ou mais do conteúdo veiculado refletem seus interesses e ideologias. Essas corporações, explorando ao máximo a fragilidade das massas, advindas da nova situação econômica, montou programas sensacionalistas, contribuindo para uma crescente alienação da população.

A popularização e a crescente vulgarização das comunicações virtuais se transformaram numa bússola sem ponteiros, onde os usuários se veem mais perdidos que orientados. Em outras palavras, é mais indicado pensar a globalização na concepção de Milton Santos, o qual ressalta que a conquista do território e a imposição de uma ideologia dominante é o que caracteriza esse novo fenômeno.

Assim é que, ao chegarmos ao século 21, a humanidade, além de não abandonar seu espírito predatório ainda anexou mecanismos capazes de conduzir à sua própria extinção. Não sabemos como os seres humanos evoluirão daqui para o futuro, ou se serão extintos, por causas naturais ou por fatores criados pela própria espécie. Casos que envolvem extinções são corriqueiros na história evolutiva da Terra.

DE VOLTA A UM PASSADO RECENTE

Em seu livro “Estórias para quem gosta de ensinar”, o educador Rubem Alves nos brinda com uma fábula do mundo das aves, muito rica em todo seu conteúdo. Assim diz o autor:

“Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam. Os urubus, aves por natureza beçadas, mas sem grandes dotes para o canto, decidiram que, mesmo contra a natureza, haveriam de se tornar grandes cantores.

Fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas e fizeram competições entre si, para ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. Foi assim que eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor, em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu-titular, a quem chamam por Vossa Excelência.

Tudo ia bem até que a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida e a floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas com os sabiás. Os velhos urubus entortaram o bico e convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.

Os urubus perguntaram: Onde estão os documentos de seus concursos? As pobres aves se olharam perplexas. Não haviam passado por escolas de canto, porque o canto nascera com elas. E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, mas cantavam, simplesmente cantavam. E os urubus decidiram: Não, assim não pode ser. Cantar sem titulação devida é um desrespeito à ordem. E, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás. Moral da história: em terra de urubu becado, não se ouve o canto do sabiá.”

Essa fábula reflete o pensamento de três dos grandes filósofos da educação do século 20, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, para os quais o maior analfabeto não é quem não sabe ler, e sim quem lê, mas não entende o que leu, ou quem vê, mas não a realidade, porque essa pessoa passa pela vida mas não vive, incapaz de se emocionar com o voo das borboletas diante das plantas em flor.

A espiral da ignorância analfabética chegou ao ápice nos tempos atuais, onde o conhecimento, os saberes e as culturas tradicionais de nada valem diante da burocracia. Foi criada uma cerca invisível de arame farpado em volta das escolas públicas, contribuindo para a falência da educação. Assim, o desempenho dos mais letrados urubus torna-se incapaz de gorjear uma única nota afinada que seja, ante uma escola impossibilitada de propor uma Pedagogia da Esperança, ou para a Esperança.

Perdeu-se o discernimento, a clareza do conceito de tempo. Perderam-se as ideias modernas sobre a Teoria do Caos, ou mesmo sobre os Fractais e o Efeito Borboleta, embora ainda nos seja de grande utilidade considerar

alguns tipos de tempo: o cosmológico, medido em bilhões de anos; o geológico, calculado em bilhões, milhões e milhares de anos; o da humanidade, medido em milhares de anos; o do ser humano, calculado em algumas décadas; e o da sobrevivência, que é aquele tipo de tempo que se situa no fio da navalha, que está bem no limite entre a vida e a morte, entre a alienação total e a busca da felicidade. Para esse tempo, os remédios devem ser emergenciais, porque o tempo da sobrevivência não tem tempo de esperar.

Nos dias de hoje, torna-se impossível compreender os fenômenos científicos, sociais e comportamentais, tomando como princípio os paradigmas tradicionais que fundamentaram o pensamento científico dos séculos 18 ao 21. Estamos presenciando a maior revolução da história da humanidade, onde o espaço entre um evento revolucionário e outro diminui com o tempo. O que se presencia, atualmente, não é somente uma revolução política, social ou econômica, mas uma revolução global – a revolução do próprio *Homo sapiens sapiens*.

ESPÉCIE EM RISCO

Ao perceber que seus modelos de se relacionar com o meio ambiente poderiam abreviar sua passagem como espécie pelo planeta, parte da humanidade entrou em posição de alerta. Em 1972, organizou uma conferência mundial em Estocolmo. Em 1992, realizou a Eco-92, no Rio de Janeiro. Em 2012, organizou a Rio + 20. Entre uma conferência e outra, houve eventos menores, acumulando conhecimento e buscando protocolar ações concretas.

Dessa soma de experiências, surge um entendimento: os humanos são apenas mais uma espécie do reino animal, cuja sobrevivência na Terra depende da integração harmoniosa dos diversos componentes do meio ambiente, da atmosfera, hidrosfera, litosfera, biosfera, dos ventos, regimes climáticos, relevos, ruídos, fogos, das energias. Entretanto, se por um lado veio o conhecimento, por outro faltou a conscientização, que exige mudanças radicais de atitudes e de postura.

Os caminhos para a busca da solução são vários e só podem ser eficientes se forem interconectados. Qualquer deles exige um novo padrão de educação, o que pressupõe incentivo à criatividade, à pesquisa e à busca de uma nova metodologia pedagógica. Qualquer desses caminhos exige políticas públicas fundamentadas, focadas no combate à miséria e no resgate da dignidade humana.

Da conferência de Estocolmo a esses nossos dias de convivência com uma pandemia de coronavírus, a qualidade da vida no planeta piorou, parte em função da predação ambiental, parte pela predação social e econômica. A vegetação nativa foi arrancada da natureza; os cursos dos rios foram alterados; a mineração aplainou as montanhas; a violência urbana tomou proporções inconcebíveis; o tráfico de pessoas tornou-se atividade rotineira; no mundo inteiro, a fome matou e segue matando as populações mais vulneráveis.

Faltam, à nossa civilização, o respeito à natureza, a criatividade e o idealismo. A criatividade é a matriz da competência. Sem criatividade, não há idealismo. Essa falta de idealismo, refletida em nossa falência enquanto sociedade, nos obriga a seguir buscando a consciência, a liberdade e a felicidade, tendo por base o caminho do respeito à educação.

Nossas escolas há muito deixaram de exercer a função de continuadoras dos ensinamentos da família e mergulharam num pântano de lodo movediço e mal cheiroso que suga a criatividade. Grande parte delas carece de pátios para brincadeiras, de bibliotecas, e dos equipamentos adequados para fazer do ensino uma troca de experiências.

Nossos professores já não conseguem motivar seus alunos, porque o conteúdo que lhes toca repassar em geral já é de conhecimento dos estudantes. A aula dentro da sala perde o interesse e o sentido. A escola, que outrora se constituía num ponto de encontro para se fazer amizades, trocar ideias e aprender novidades, perdeu esse papel para as redes sociais.

A influência do efêmero funciona como uma venda nos olhos, que impede vislumbrar atitudes duradouras e possivelmente eternas, que possam ser





tomadas a favor da educação, cuja eficácia é a base de toda sociedade sólida, com valores que perpassam os tempos e se adaptam com o próprio tempo.

DODÔ

Em um dos episódios da série Doctor Who, escrita para o rádio pelo saudoso Douglas Adams, nos anos 1970, a sala do idoso Professor Chronotis em Cambridge fazia as vezes de máquina do tempo, por ele usada para um único propósito, seu vício secreto: repetidas visitas às Ilhas Maurício para chorar por Dodô. Por causa de uma greve na BBC, esse episódio nunca foi transmitido, e mais tarde Adams reciclou o persistente motivo do choro por Dodô em outra novela, a Agência de Detetives Holística.

Certa ocasião, o texto caiu nas mãos de um professor que, comovido, não conteve as lágrimas. Ao vê-lo chorando, seus alunos perguntaram: "Por que choras professor?" O professor respondeu: "Choro pela triste história de Dodô". E explicou: "Dodô era uma ave indefesa cujos ancestrais chegaram ao Oceano Índico ainda alados. Com o processo evolutivo da seleção natural, os parentes distantes de Dodô perderam as asas, já que não precisavam delas, porque não encontraram predadores na nova casa. Assim, por milhares de anos, os dodôs viveram em paz nas Ilhas Maurício.

Quando os portugueses chegaram a Maurício em 1507, os abundantes dodôs, grandes aves que chegavam a pesar até 15 quilos, eram completamente mansos e, sem a experiência do encontro com predadores, deles se aproximaram sem receio ou desconfiança. A extinção veio a galope. E, como é comum, ela ocorreu por uma combinação de fatores. Os humanos introduziram na ilha cães, porcos, ratos e refugiados religiosos. Os cães os caçavam de forma esbaforida, os porcos e ratos comiam seus ovos, os humanos destruíam seus habitats com plantações de cana-de-açúcar.

Ao chorar por Dodô, também choro pelos sem-terra, pelos sem-teto, pelos que têm fome. Choro por aqueles a quem o sistema fez perder o amor pela democracia, pela liberdade e pela vida. Choro pela falta de conscientização, pela abdicação do papel fundamental da educação na formação de uma cidadania consciente, e pelo abandono da busca da felicidade. Choro porque essas são situações que somente poderão ser transformadas através de uma mudança radical do comportamento humano nesse mundo em que vivemos.

E eu sei que, para isso, a busca de novos paradigmas se torna imprescindível. Os que existem são incapazes de fornecer as respostas necessárias para acharmos o caminho do equilíbrio e da esperança. Se falharmos nesta missão, com ou sem pandemias, é possível que tenhamos o mesmo destino de Dodô, mas certamente não sobrá ninguém para chorar por nós".



Altair Sales Barbosa - Pesquisador do CNPq e da Unievangélica, Anápolis-GO.

Ora (diveis) ouvir estrelas!

Olavo Bilac

"Ora (diveis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o censo!" E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto... E conversamos toda a noite, enquanto A via láctea, como um pátio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto. Direis agora: "Tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?" E eu vos direi: Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender as estrelas."

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 16/12/1865 - 28/12/1918) - Jornalista. Poeta parnasiano. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras.



CORONAVÍRUS, DESMATAMENTO E FOGO NA AMAZÔNIA

Philip Martin Fearnside, Lucas Ferrante

Várias reportagens recentes na imprensa brasileira e internacional alegam que há uma explosão de desmatamento e fogo na Amazônia devido ao coronavírus. No entanto, os atuais dados de satélites durante a quarentena no Brasil trazem mensagens mistas sobre esse efeito.

As afirmações sobre grandes aumentos de desmatamento são geralmente baseadas em dados para os meses de janeiro e fevereiro, e algumas até incluem dados desde agosto de 2019, mas a quarentena devido ao coronavírus só começou em 11 de março de 2020.

Usar meses antes da quarentena confunde o "efeito Bolsonaro" com o "efeito coronavírus".

O número de fogos diminuiu em 98,7% quando são comparados os dados de 2020 e 2019 do programa Queimadas, do INPE, para o período de 11 de março a 10 de abril.

Já, para o desmatamento, houve um aumento de 29,9% quando são comparados os dados do sistema DETER, também do INPE, para o período de 1º de março a 1º de abril, nos dois anos.

A época da quarentena corresponde, até agora, a meses chuvosos, quando há relativamente pouco fogo e desmatamento na Amazônia. Os dados para meses na época chuvosa costumam variar bastante de um ano para outro, e esses meses têm pouco peso nos números totais para o ano.

É bom lembrar o exemplo dos primeiros meses do governo Bolsonaro em 2019, quando o presidente sempre respondia a críticas sobre seus retrocessos

ambientais com um discurso se vangloriando de que os números de desmatamento eram menores no seu mandato do que no ano anterior.

Como se sabe, a partir de maio de 2019, com o começo da época mais seca, tanto o desmatamento quanto a frequência de fogo explodiram na Amazônia, justamente devido às ações antiambientais do governo Bolsonaro.

Da mesma forma que ocorreu com o efeito Bolsonaro em 2019, separar o efeito coronavírus de outros efeitos sobre os números de desmatamento e fogo é incerto quando só temos dados da época chuvosa.

A lógica para o aumento da destruição como resultado do vírus é sólida, dada a paralisação praticamente total da fiscalização e da aplicação de regulamentos sobre o desmatamento.

A presunção de impunidade que acompanha isso pode resultar em aumentos substanciais tanto nos fogos como no desmatamento quando os meses mais secos começarem, a partir de maio.

Philip Martin Fearnside – Cientista. Doutor pelo Departamento de Ecologia e Biologia Evolucionária da Universidade de Michigan (EUA) e pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus (AM), onde vive desde 1978. É membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo Painel Intergovernamental para Mudanças Climáticas (IPCC), em 2007. Matéria publicada originalmente no site <https://amazoniareal.com.br/>.

Lucas Ferrante – Doutorando em Biologia (Ecologia) no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

Foto: divulgação



O BICO-VIRADO-DA-CAATINGA

Eduardo Pereira

Espécie endêmica da Caatinga, o único bioma 100% brasileiro, o bico-virado-da-caatinga (*Megaxenops parnaguae*) é um pássaro de coloração laranja-acastanhada, mais pra ferrugem, com a garganta, as bochechas, a região do entorno do bico e uma estreita faixa superciliar brancas. Mede cerca de 16 centímetros de comprimento e pesa por volta de 26 gramas. Tem por grande diferencial o bico de cor rosada, em forma de cunha, virado para cima.

Também conhecido como bico-virado-grande, segundo a WikiAves (<https://www.wikiaves.com/wiki/bico-virado-da-caatinga>), o bico-virado-da-caatinga é um pássaro da ordem dos Passeriformes e a família Furnariidae.

Seu nome científico vem do (grego) *me-gas* = grande; e do gênero *Xenops*, (Illiger, 1811), com origem no idioma grego, *xenos* = estranho, e de *-ops*, *ops* = com a face, face; e de *parnaguae*, *paranaguae* = referente ao município de Paranaguá no Piauí, Brasil. ⇒ Grande *Xenops* de Paranaguá ou grande (pássaro) estranho de face branca que vive em Paranaguá.

Alimenta-se de insetos, que captura na folhagem e no emaranhado dos cipós ou nas cascas de galhos que remove em busca de larvas. Pode ser encontrado nos estados do Nordeste – Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia, e há registros da presença do bico-virado-da-caatinga também em Minas Gerais e em Brasília.



Eduardo Pereira
Sociólogo. Produtor Cultural.
@weiss_guru



Foto: divulgação

O PRESIDENTE PODE NOS MATAR

Iêda Leal



Pintura: Dulce Martins

Ao contrário da experiência mundial e na contramão de todas as evidências, em 24 de março o presidente do Brasil fez um pronunciamento à Nação em cadeia nacional para propor o indefensável: romper com o distanciamento social que protege do contágio e salva vidas.

Recém-chegado de uma viagem internacional em que mais de vinte membros de sua comitiva voltaram infectados, o presidente – que declarou ter testado negativo, sem contudo apresentar os resultados do exame e, recentemente, vem admitindo que “talvez possa ter contraído o vírus e ter sentido sintomas leves”, insistindo na tese irresponsável de que a “Covid-19 não passa de uma gripezinha”, contribuiu para desmobilizar a população brasileira e, dessa forma, fragilizou as possibilidades de vencermos a pandemia.

O resultado veio a galope. Desconsiderando a gigantesca subnotificação por falta dos testes e capacidade de diagnóstico, entramos no mês de maio com mais de 6 mil mortes, quase 100 mil pessoas infectadas, e como o país de maior contágio no mundo. Enquanto em vários países uma pessoa infectada contagia apenas uma outra, no Brasil, a transmissão é de quase 3 por pessoa.

Do alto de sua responsabilidade civil, o presidente ignorou o processo de transmissão e, mesmo sob a dúvida nacional de haver testado positivo, fomentou aglomerações, participou de atos públicos, abraçou e fez “selfies” com pessoas, colocando na linha de frente da letalidade física, social e econômica um sem-número de brasileiros e brasileiras, boa parte deles dos segmentos mais vulneráveis da população.

Ante essa realidade insana, em que a pandemia avança sobre as pessoas e comunidades mais pobres, em que não há testes nem leitos de hospital suficientes, em que milhares de seres humanos morrem sem sequer terem sido atendidos, em que outros milhares de pessoas mortas são enterradas em covas rasas, em que milhares de famílias não podem se despedir de seus mortos, vale reiterar a pergunta feita pelo MNU em seu Manifesto: Está o presidente propondo mortes em massa do povo no país?

Ante essa realidade trágica do enfrentamento da pandemia, com centenas de profissionais de saúde perdendo a vida por falta de EPIs, com cidadãos e cidadãs vendo a morte chegar, anunciada, pela falta de respiradores, resultado da política criminosas, em meses passados, de sucateamento do sistema público de saúde, voltado para a política de desmoronamento do SUS e de privatização da Saúde, ao propor o livre acesso à contaminação comunitária, o presidente do Brasil só pode mesmo estar querendo nos matar.

Contrariando recomendações de organismos de saúde internacionais e nacionais, que têm sido seguidas por chefes dos Estados, governos estaduais e municípios, para combater a pandemia do Coronavírus, o presidente, do alto de sua crueldade e arrogância, segue manifestando-se contra a quarentena, a única medida capaz de romper a rede do vírus, segundo a OMS. Em consequência, começam a morrer em massa as pessoas negras, do campo, da favela, pobres e indígenas.

O presidente atenta, portanto, contra a vida da população brasileira. Atenta contra o povo negro. Da mesma forma que seu governo, ao desmontar o que ainda restava da proteção aos trabalhadores, a MP

97, ao dificultar a entrega dos R\$ 600 aprovados pelo Congresso Nacional para socorrer famílias em situação de emergência máxima, o presidente desta Nação que um dia há não muito tempo lutou pra proteger o bem-viver de seus 210 milhões de habitantes, continua, a ferro e fogo, forjando caminhos para a nossa morte.

Mas nós combinamos de seguir lutando para seguir vivendo. Nós, negros e negras, juntos com outras parcelas da população, vítimas da sua crueldade, resistiremos à sua tentativa de nos eliminar.

Ao contrário do que diz o presidente, ninguém de nós é covarde por respeitar o distanciamento social. Covarde é quem, em defesa de uma economia que privilegia muito poucos, coloca em risco a vida da maioria da população, principalmente a das comunidades negras, faveladas, periféricas e pobres.

Somos fruto de uma história de Resistência. Resistimos num país que ajudamos a construir com a força do nosso trabalho. Sobrevivemos ao genocídio em curso nessa sociedade racista. Apesar do racismo social e de Estado, o povo negro segue mobilizado pela vida. Resistir, resistir, resistir!! Estamos em isolamento social! Vamos continuar.

Em Resistência, reiteramos o estabelecido pelo MNU no Manifesto de 25 de março: Exigimos que o governo adote medidas concretas para proteger a população contra o coronavírus:

- ✓ Proteção à população negra, favelada, periféricas e em situação de rua;
- ✓ Proteção às comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas;
- ✓ Investimentos imediatos no Sistema Único de Saúde (SUS), com capacitação das equipes e reorganização dos programas de Saúde da População Negra;
- ✓ Garantia de todo atendimento preventivo de saúde à população negra e pobre até o fim dos riscos da pandemia do coronavírus;
- ✓ Proteção social e econômica da população mais vulnerável, com programas de suporte financeiro, fornecimento de materiais de limpeza, sobretudo sabão, água e álcool gel;
- ✓ Fornecimento de todas as possibilidades de testes, no caso de suspeita de contaminação e de tratamento imediato, com atendimento nas áreas urbanas, rurais e ribeirinhas;
- ✓ Manutenção do emprego, proteção aos trabalhadores(as) sem vínculo e às empregadas domésticas.

**SOMOS HERDEIROS E HERDEIRAS
DE DANDARA E ZUMBI!
INSPIRADOS NA BATALHA QUE TRAVARAM
PELA VIDA, ESTAMOS EM LUTA!
IMPEACHMENT JÁ
MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO**



Iêda Leal – Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.



Foto: divulgação

CARTA ABERTA À SOCIEDADE BRASILIENSE

Kleyton Morais

O Sindicato dos Bancários de Brasília e o Comando Nacional dos Bancários se anteciparam para viabilizar o pagamento do programa do Auxílio Emergencial. Para isso, negociamos medidas com a Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) e o Governo do Distrito Federal (GDF), fundamentais para preservar a saúde da população e dos bancários.

Nosso entendimento, em consonância com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), é de que, para a proteção de todos, mostra-se fundamental a manutenção do isolamento social. Assim, o atendimento dentro das agências deve ser somente para casos indispensáveis. O cuidado, obviamente, vale também para os beneficiários dos programas sociais.

Nesta hora, merecem destaque os trabalhadores da Caixa Econômica Federal, um banco 100% estatal, que mostra com ainda maior força neste momento sua missão social. Eles estão na linha de frente, fazendo o seu trabalho de forma exemplar e dando a sua contribuição para diminuir os impactos sociais da pandemia – inclusive arriscando a própria vida.

Por isso, é preciso deixar claro que as grandes filas estão se formando também por falta de informação da população. Os aborrecimentos não são por acaso: vêm da má vontade com o povo que o presidente Bolsonaro mostra quando:

- vai ao Superior Tribunal de Justiça contra a decisão que suspendeu a exigência de CPF para a solicitação do auxílio emergencial de R\$ 600,00;
- suspende a antecipação da 2ª parcela;
- abusa do cargo ao pressionar pelo fim do isolamento social;
- nega recomendações médicas ao menosprezar os perigos do coronavírus, cujo contágio ainda está crescendo e já matou milhares de brasileiros.

O presidente faz pouco caso da Organização Mundial da Saúde e dos pesquisadores e não segue as recomendações para diminuir o ritmo de contágio no Brasil. Pesquisadores do Imperial College estimam um milhão de mortes no país, caso as medidas necessárias não sejam seguidas. Inicialmente acreditava-se que a doença atingia principalmente pacientes com outros agravantes, as comorbidades, mas há vítimas de todas as idades e classes sociais.

Ao ignorar dados científicos sobre a epidemia, e ao negar apoio às regiões mais vulneráveis em termos de equipamentos médicos, Bolsonaro se torna o coveiro do Brasil e aposta contra os brasileiros.

Pela ação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e de outras centrais sindicais junto a parlamentares federais, foi aprovado o aumento do auxílio para R\$ 600,00 pelo Congresso Nacional – o governo queria pagar apenas R\$ 200,00.

Além disso, com os sindicatos na luta, foi garantida a expansão do auxílio a trabalhadores autônomos, microempreendedores individuais (MEI) e muitos outros tipos de trabalhadores informais.

Essas medidas dão suporte às famílias e contribuem para frear a transmissão da Covid-19 e o aumento de casos simultâneos, que sobrecarregam o sistema de saúde. Quanto mais pacientes graves, menos pessoas são atendidas, e recai sobre os médicos a dura decisão sobre quem vive ou quem vai depender da sorte.

Como em vários países, defendemos a implantação de uma renda mínima universal.

E defendemos que o dinheiro para financiar as empresas deve ser condicionado à manutenção de empregos e direitos.

A escolha não é entre a economia ou a vida, pois elas podem caminhar juntas.

A realidade que se impõe é preocupante. Diante disso, para amainar esta tragédia anunciada, o Sindicato apresentou proposta legislativa para maior eficiência na liberação dos recursos, mantendo os protocolos de proteção da saúde e da vida.

Um dos pontos da proposta defende, por exemplo, que, para descongestionar o atendimento, o pagamento deveria se estender a outros bancos públicos.

Cobramos também o compromisso do governador Ibaneis pela criação do comitê de crise do setor financeiro, com a participação do Sindicato, a fim de ampliar os locais para a liberação dos recursos.

Nossas propostas ao governo federal, à Fenaban e ao GDF são para divulgar campanhas informativas sobre como obter o benefício e sobre o calendário de pagamentos. Isso reduziria as aglomerações e a presença desnecessária de clientes e usuários nas agências, situação que infelizmente se repete em muitas regiões administrativas do DF e municípios brasileiros.

É forçoso destacar nesse contexto que o pouco esclarecimento nos meios de comunicação e nas redes sociais soma-se ainda à confusão e má intenção nos pronunciamentos do presidente Bolsonaro pela volta à normalidade antes do tempo.

Nosso compromisso é bem servir ao povo, com respeito à vida e à saúde. Faremos o que estiver ao nosso alcance para atender demandas como o atraso intencional da 2ª parcela do Auxílio Emergencial e o cadastro dos 12 milhões de cidadãos que até hoje o governo não resolveu. Mas, acima de tudo, cobraremos a responsabilidade política de quem desrespeita o valor mais sagrado: a vida.

Brasília, 23 de abril de 2020
**Sindicato dos Bancários e
Bancárias de Brasília**



Kleyton Morais - Líder Sindical.
Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.



AS ESTRELAS, EU PENSAVA QUE ERAM FILHOTES DA LUA

Matari Kayabi

Antigamente, eu pensava que o sol era a luz do homem branco. Quando escurecia, eu pensava que os brancos apagavam a luz. A chuva, eu pensava que era gente que jogava água do céu para regar a terra.

A trovoada, eu pensava que era gente que batia tambor.

O vento, eu pensava que a terra corria.

A nuvem preta, eu pensava que era o fim do mundo.

As estrelas, eu pensava que eram filhotes da lua.

O sol, eu pensava que era o marido da lua.

E para mim as estrelas eram filhotes da lua e do sol.

A terra, eu pensava que tinha um ferro grande para se firmar.

Eu pensava que o céu foi feito como a casa.

Eu pensava que a grama e o mato era cabelos da terra.

Eu pensava que a nuvem era a fumaça.

Eu pensava que os animais é que plantavam as frutas do mato.

O mundo para mim era só o Brasil, e a cidade de Brasília.

Eu pensava que não existiam outros países e outras cidades.

Eu pensava que a vida não tinha fim.

Eu pensava que não existia doença.

Eu pensava que ninguém ficava velho.

Eu pensava que quando ficava velho, voltava a ser novo.

Eu pensava que todo branco e índio eram todos uma só nação.

Matari Kayabi –
Liderança Indígena – em Geografia
Indígena. MEC/SEF-ISA, 1994.

GOVERNO DE CATÁSTROFE NACIONAL

Foto: Fabiano Leitão.

Emir Sader

Uma cerimônia de posse de alguém desse governo é uma cena fora do mundo. Em primeiro lugar, porque parece que atrás daquilo tudo existe um governo, quando não existe nada. São um aglomerado de personagens folclóricos, escolhidos a dedo pelo pior presidente que o Brasil já teve, que se mantém nos cargos pela subserviência a todas as imbecilidades que o presidente emite todos os dias.

Em segundo, porque Bolsonaro foi perdendo capacidade de governar, seja por sua incompetência e dos seus ministros, seja pelos freios internos ao governo imposto por militares, seja por aqueles impostos pelo Judiciário e pelo Congresso. Quase que só restou a ele o poder – ainda assim relativo – de demitir e nomear e o de fazer declarações arbitrárias e ameaças que ele não pode cumprir.

Seria cômico, não fosse trágico. Não existisse um país à deriva, uma economia que passou da recessão à depressão, a situação de precariedade de trabalhadores, o número imenso de desempregados, que passou de 40 a 62,1 milhões de pessoas, e uma pandemia que mata diariamente centenas de brasileiros, diante da falta de ação e da apatia do presidente. É uma tragédia como o Brasil nunca viveu e que ameaça, a partir de maio, se tornar uma catástrofe para o país, para sua população, para sua economia, para tudo e para todos.

O que fazer para impedir essa situação? É preciso, antes de tudo, mudar radicalmente a postura do governo em relação à pandemia. O próprio novo ministro da saúde se mostra desarvorado e despreparado para enfrentar a situação atual, ainda menos o desastre que se anuncia para maio.

Se deveria propor a nomeação de alguém com qualificação, com legitimidade, com prestígio, para assumir o cargo de ministro da saúde, com plenos poderes, políticos e econômicos, para colocar o combate à pandemia como prioridade número um do governo e do país e enfrentá-la com todos os recursos de que dispomos, para tentar evitar essa catástrofe, que ameaça matar vários milhares de brasileiros já em maio. Alguém como Dráuzio Varella, que disporia de um apoio generalizado para concentrar todos os recursos e as energias dos brasileiros para enfrentar a pandemia.

Poderíamos ali passar a encarar seriamente os desafios da pandemia e a ter a alguém sério, responsável, que faria com que, finalmente, o país passasse a defender a saúde da sua população, do pessoal da saúde pública, de todas as vítimas ou possíveis vítimas da pandemia. Poderíamos poupar centenas de milhares de vidas de brasileiros, deixar de conviver, diariamente, com a cifra de centenas de mortos, anônimos, reduzidos a números, sem nome, sem cara, sem parentes, sem vida.

Por outro lado, será praticamente impossível o país enfrentar seriamente essas ameaças e, posteriormente, os desafios da reconstrução da economia do Brasil e a recuperação dos milhões de empregos perdidos, com esse governo, com esse presidente. Ele não somente não atua, como se torna obstáculo, desviando a atenção do país, sabotando as ações de defesa da população.

O clamor do Fora Bolsonaro! é crescente, embora grande parte da população não se sinta segura a aderir a uma saída do presidente atual, sem ter garantia do que virá depois. Não pode ser simplesmente a substituição do presidente pelo vice, mantendo-se a penca de ministros, incluído os militares, coniventes dos crimes políticos, econômicos e de saúde pública cometidos por Bolsonaro.

O Brasil precisa de um projeto de reconstrução do país, mas também visualizar quem pode personificar esse projeto, comandado por alguém com legitimidade, credibilidade e capacidade de aglutinar todos os brasileiros que confiam na democracia e no próprio país. Alguém como Nelson Jobim, por exemplo, ou algum outro nome similar, que tenha trânsito em todas as áreas políticas democráticas e possa reaglutinar política e moralmente o Brasil para recuperá-lo econômica, política, social e moralmente.

Esse o caminho imediato para que possamos sair desse governo de calamidade pública para um governo democrático, legítimo, que faça o país retomar o caminho da paz, da convivência, da recuperação da economia, da superação da pandemia e do próprio gosto dos brasileiros de amar o seu país.



Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

ÁGUA, MAIS ÁGUA

— Thiago de Mello

A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que roda no rebojo, água que vai abaixando, ainda bem que começou a baixar, mas de repente volta em repique.

Água de rio que quase não corre, um pZerigo quando vem o vento geral. O vento não avisa, vai chegando e fazendo dela o que bem quer. Água que se agarra ao vento para poder voar, água que gosta de ficar parada no silêncio do igapó.

Água de muita fundura, mais de cem braças de fundo, no silêncio do abismo se movem, lentas, as gigantescas piraibas cegas.

Água de igarapé estreito, como o querido Pucu, com o encanto de suas curvas que me conhecem tanto. Pode vir a maior vazante, que ele nunca mostra o fundo do seu leito. Água rasa transparente, água rasa barrenta, onde as arraias de ferrão de fogo se espalham de manhã cedo.

Água atravessada de capim, de margem a margem. De capim canarana, de capim perimembeca, fechando a passagem, na curva do Paraná. No Baixo Amazonas, chamam esse capim de banzeiro. No Negro e no Solimões, banzeiro é a batida das ondas no barranco, quando passa motor de linha, lancha veloz.

Água coberta de chavascal, de aninga de folhas grossonas. A gente caminha por cima da espessa vegetação entrelaçada, a gente chega e escuta embaixo dela o barulho dos peixes assustados.

Água de doenças: água de ameba, água de febre negra, febre que só dá em rio de água preta. Ela mata a criança em dois dias, mordida pelo veneno de um vegetal aquático, parente do timbó, usados pelos índios Saterê quando saem de madrugada para surpreender a piracema dos tucunarés: o timbó adormece os peixes.

Água de cacimba, friazinha: no ardor tímido da mata, o olho d'água se oferecendo, nunca para de minar. As águas medonhas das cachoeiras do Alto Apurinã.

As águas barrentas do Solimões, do Madeira, do Juruá, do Purus. As águas azuis do Tocantins, as verdes do Tapajós. As águas negras (que amanhecem azuis e de repente ficam cor de cobre) do rio Andirá, o rio do meu coração.

As águas do Amazonas varando impetuosas o Estreito de Breves, no Pará, onde saem se alargando, se espalhando desmedidas pela baía de Marajó. As suas ondas chegam a parecer de mar alto. O gaiola, de dois passadiços, motor de centro potente, balança que nem palmeira quando o vento vem. É ali que o rio convoca, orgulhoso, todas as suas energias para o encontro com o mar Atlântico e empurra as águas do oceano por distâncias quilométricas.



Thiago de Mello – Poeta maior do Brasil e da Amazônia, em “Amazonas – águas, pássaros, seres e milagres do pedaço mais verde do planeta”. Editora Salamandra, 1998.

MUITO ALÉM DA QUALIDADE DE VIDA

Beny Schmidt

Não é verdade que estejamos vivendo mais que há 2.000 anos. Vários filósofos gregos, por exemplo, foram bastante longevos. Alguns, muito além. Centenários.

A longevidade humana não mudou nunca, cientificamente escrevendo. O que mudou primeiro foi o tamanho da nossa população.

Somos mais de 7 bilhões de habitantes no planeta, talvez 7,5 bilhões e realmente a medicina evita atualmente milhares de mortes prematuras e, com isso, sob este ângulo, e somente nele, vivemos mais hoje em dia.

Mas será que nossa qualidade de vida acompanhou como devia esse aumento do nosso tempo de vida?

Em minha humilde opinião, de jeito nenhum. Falta muita informação acadêmica. Nós, professores de medicina do serviço público do nosso país, dificilmente vamos palestrar na TV, esse grande meio de se falar com a população.

A mídia deturpa a verdade em relação à qualidade de vida.

Mas, para resumir e ser breve: qualidade de vida não é fazer exames de laboratório mensais, não é se automedicar nas farmácias, e não existe medicamento específico para a vida descrito na literatura.

Então, qualidade de vida é: Trabalhar em primeiro lugar. Trabalho, sim.

Em segundo: Alimentação. Não só o que comer, mas o quanto comer. A obesidade hoje é uma epidemia da nossa sociedade.

Terceiro: Esportes. Se mexer é viver.

Deixar a vida te contaminar, ter prazer de viver, não parar de sonhar e querer realizar ainda mais sonhos. Isso sim é qualidade de vida!



Beny Schmidt - Médico, em <https://avosidade.com.br/>



LABIBE SAAD GENEROSO: A NOSSA DONA BABI DE FORMOSA

Iêda Vilas-Bôas

Não há quem passe pelo centro da cidade e não pare, antes de chegar à Praça da Prefeitura, para tirar um dedo de prosa, ou ganhar um beijo carinhoso de Babi, Dona Babi, a mulher empreendedora, forte, atenciosa, trabalhadeira e exemplar que é Labibe Saad Generoso, filha de Joana Saad e de um próspero comerciante libanês chamado Ibrahim Jorge (turco, não!), fugitivo da guerra, vindo de Kafaraka.

Ainda muito moça formou-se professora no Colégio São José. Por 18 anos, exerceu a profissão, em Formosa. No ano de 1960, passou em concurso para lecionar na recente Capital, mas o pai, muito zeloso, não permitiu que a filha pegasse a estrada todos os dias, melhor ajudar na educação dos filhos de Formosa, onde chegou a ser diretora de muitas escolas no município, trabalhando até 60 horas semanais: manhã, tarde e noite.

Um dia veio um moço falante, educado e gentil, de Belo Horizonte, e se apaixonou pelos negros cabelos de Dona Babi. Dali a pouco tempo se casaram, em 20 de maio de 1962, e formaram o querido casal Hircio Generoso e Labibe Saad.

Seu Hircio era exímio contador e veio trabalhar no Banco Mercantil, e Babi cuidando de lecionar e da boa criação de seus filhos: Aldo, Aline e Hircinho, que lhes deram netos e bisnetos.

Nessa mistura de raças, apareceu o meu compadre Frederico Ignácio Kachuko Iacovenko, de descendência russa, casado com Aline (cujo nome foi escolhido por influência da música em moda à época) e trouxeram ao mundo Murilo e Mônica, que virou estrela e foi morar com os anjos. A pequena Mônica, de quem ninguém jamais se esquece, faleceu aos 11 anos. Depois o vovô Hircio foi também para morada eterna. Tristes tempos.

O filho Aldo (homenagem ao avô paterno) casou-se com a renomada alfabetizadora Eulita e tiveram Kareem, Alyne Grazielle, Aldo Neto. A família aumentou com Heloisa e Lara, filhas da Grazielle e do Bruno.

O filho Hircinho, casado com a professora Rogéria, é pai de Pedro Ivo, Eduardo e André. Pedro Ivo e Brenda contribuíram com a vinda da Helena. E André e Tainá esperam para julho mais uma integrante para essa admirável família: Olívia.

Em 1970, ela deixou a profissão e o marido deixou o Banco e abriram a Tabacaria e Papelaria Central. Seu Hircio cuidava das contas e das compras, e ela ficava e fica no balcão. Ali vende-se de quase tudo e ganha-se de brinde sorrisos, risadas e carinhos.

Babi é toda cordialidade, amor e dedicação para com todos. E nunca negou um pedido de ajuda ou um fiado para que um aluno não ficasse sem o material escolar. É no dia a dia, no atendimento aos clientes que Babi sofre junto, sorri, dá atenção especial, compartilha, ensina e aprende, e ali entre a correria de cuidar da casa nos fundos da loja e do balcão e atendimento colocou as crianças para ajudar desde novinhos, e ensinou na prática a lição de servir e de solidariedade.

Um passatempo e hábito de Babi é a leitura. Lê muito, principalmente sobre a vida dos santos e gosta de fazer palavra cruzada. Tem muitas amigas, que faz questão de visitar. É fiel devotada e serve de coração sua paróquia: a Igreja Matriz Imaculada Conceição.

Babi é personalidade marcante em nossa cidade: profissional de sucesso, mulher empreendedora, mãe zelosa, avó e bisá muito amada. Para o "amorzinho" de minha comadre Aline e nosso, fazemos esta homenagem e enviamos nosso bem-querer embrulhado em papéis de seda, celofane, lindíssimos papéis de presente, desenhados com canetinhas de neon e fitas multicores.

Para Babi, toda nossa admiração!



Iêda Vilas-Bôas - Escritora. Esse texto foi escrito em parceria com Aline Generoso Iacovenko, filha de Babi.



Foto: divulgação

PRA ONDE SERÁ QUE EU VOU, QUANDO ESSA PANDEMIA PASSAR?

Zezé Weiss

Depois dessas semanas todas de longa e necessária quarentena, às vezes me pego pensando sobre pra onde vou quando o tempo do distanciamento social passar. Imagino que vou acabar indo mesmo é pra Chapada dos Veadeiros, esse lugar mágico do planeta, onde o resistente povo Kalunga fez do território seu espaço sagrado de vivência.

Começando pelo mais distante, vou pro Quilombo Riachão, no município de Monte Alegre de Goiás, visitar Procópio dos Santos Rosa, matriarca do povo Kalunga. Daqui de Formosa, são 150 km até Teresina de Goiás, depois mais 22 km rumo Monte Alegre, depois mais quatro horas subindo e descendo serra, até encontrar a casinha branca onde Iaiá Procópio montou o seu museu em vida. "O meu museu eu quero do meu jeito, então faço eu mesma," disse Procópio, toda serelepe no dia da inauguração, 7 de janeiro deste ano da graça de 2020.

Depois, com tempo bom, é voltar pra Teresina e tomar o rumo de Cavalcante, dormir na cidade e acordar bem cedinho (essa é a parte mais difícil) para um banho na Santa Bárbara, no meu sentir a Cachoeira mais linda de toda a Chapada dos Veadeiros. Almoço no Quilombo do Engenho, que é onde fica a Santa Bárbara, uns bons dois quilômetros

puxados de caminhada antes da comida caseira, servida com fartura, nos restaurantes da terra.

Na volta, cruzar a rua central de Alto Paraíso de Goiás com destino ao povoado do Moinho, chegar antes da sesta de dona Flor, por volta das três da tarde, pra comprar meu sabão de tingui, o melhor do planeta, e dar um abraço apertado nessa minha amiga dola e herveira, que já fez quase 300 partos e já curou meio mundo com suas poções milagrosas, feitas com as ervas, flores e frutos do Cerrado.

Visita feita, só por descargo de consciência, uma parada rápida na área urbana de Alto Paraíso mesmo para uma benzeção com dona Páscoa, essa preta linda de reza forte e mãos milagrosas, capaz de botar no prumo qualquer espinhela caída. Pronto, depois dessa viagem de afetos, acho que nem vou precisar passar no São Jorge, esse outro povoado de mil e poucas almas, cerca de 22 km do centro da cidade, onde é impossível não ser feliz na vida.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss



Foto: Acervo Eliana Feitosa



Foto: Museu Iaiá Procópio



A ENXADA

Bernardo Élis

Olhava-se para as bandas da Mata, vinha gente. Olhava-se para o lado do Barreiro, vinha gente. Para onde quer que se olhasse estava chegando gente para a Festa do Divino Espírito Santo; gente de a cavalo, cargueirama, carros de boi e uns poucos a pé.

Os pastos da redondeza pretejavam de animais, de bois de carro, polacos e cincerros tilintando. O diabo da minha égua rosilha que eu deixei peada na beira do rio, não é que a peia sumiu, gente!

A cidade meio que engordava, uma alegria forte abrindo risos nas bocas, muita conversa, apertos de mãos e abraços [...]

Muitas casas que permaneciam fechadas, tristonhas, ver tapera fora de quadra da festa, agora se abriam, com a roceirama entupindo as salas, sentando nos toscos e pesados bancos de jatobá encostados nas paredes, ou agachados pelas cunzinhas, pelos quintais, numa conversa cheia de risadas que entravam pela noite adentro [...]

A bem dizer, chegaram hóspedes em todas as casas, excetas as casas dos graúdos, como o coronel, Donana e seu Evangelista. Esses não tinham parentes pobres morando na roça e não aceitavam roceiro em casa.



Bernardo Élis - Escritor goiano. Crônica publicada por Jaime Sautchuk no livro "O Causo eu Conto - Sobre Bernardo Élis e o Brasil Central". Editora Geração, 2018.



BOLINHO DE CHUVA RECHEADO

Lúcia Resende

Ele sempre aparece nas mesas brasileiras na hora do lanche. Mas, depois de uma boa chuva, ou até de uma chuvinha, é por certo a melhor pedida para acompanhar um café - ou chá, ou suco, ou leite... Daí, certamente, o nome.

Esta receita vem lá das Minas Gerais, Triângulo Mineiro, município de São Francisco de Sales, que é onde vive hoje a Daisy Queiroz, filha da prima Roseli e bisneta da tia Debraíla Vilas Boas, a melhor quitandeira da família e da região, que se foi há quase duas décadas, mas está vivíssima nas nossas melhores lembranças.

Daisy valoriza as tradições e, assim como a mãe, que se foi muito moça, herdou os dons culinários da nossa tia Baila.

Este bolinho de chuva recheado ela diz que aprendeu a fazer com a mãe e, a pedido, passou-nos a receita, que registramos aqui.

INGREDIENTES

300 ml de leite

2 ovos

4 colheres (sopa) de açúcar

1 colher (café) de sal

1 colher (sopa) fermento em pó

Farinha de trigo até dar ponto (tipo massa de bolo grossa)

*pode usar metade farinha de trigo e metade amido de milho pra ficar bem leve a massa.

Recheio: queijo picado, goiabada picada ou outro de sua preferência.

MODO DE FAZER

Misture bem todos os ingredientes da massa (não precisa bater). Em seguida, coloque aos poucos a goiabada, o queijo ou outro recheio escolhido, e vá pegando junto com a massa na colher (um pedaço pra cada colherada). O segredo pra não vazar o recheio é mergulhar ele todo com a massa. Não deixar nenhum ponto sem cobrir. Vá colocando as colheradas no óleo (não muito quente, pra não queimar). Os bolinhos têm que flutuar no óleo pra ficarem redondinhos.

Passar no açúcar refinado e canela (*opcional).

Depois, é só saborear!

P.S.: Receita testada e aprovada!



Lúcia Resende

Professora

@mluciares



CARTA A ALDEVAN BANIIWA: O BRILHO DA FLORESTA

José Ribamar Bessa Freire

**“Acalme seu coração... o rio corre... os pássaros voam...
os peixes se alegram e fazem o dabacuri...”**

Que nossos avós te recebam no dabacuri do infinito.”

Rosi Waikhon, escritora indígena (19/04/2020)

Querido Aldevan, escrevo-te uma carta que você não lerá.

Assim mesmo te conto que vivo em frente a um parque arborizado, com três lagos, que permanece fechado há mais de um mês. Lá, crianças, entre elas minhas netas, alimentavam gansos, patos e pombos até antes da quarentena. Na madrugada de domingo (19), os bichinhos uivavam. Não grasnavam, nem arrulhavam: uivavam, bem dentro do meu quarto, dos meus ouvidos, como lobos famintos. A fome deles e a tua partida não me deixaram dormir. Insone, comecei a pensar: como seria teu sepultamento no Cemitério do Tarumã, em Manaus? Numa vala comum aberta por uma retroescavadeira? Ou numa cova individual? Sozinho, longe dos familiares como exige o protocolo de segurança?

A insônia me levou a viajar no espaço e no tempo: Belém, ano passado, um evento acadêmico. Na ocasião, no ônibus, sentei-me ao lado da minha amiga Ana Carla, mãe das tuas filhas Kaina, 19, e Wina, 17 anos, estudantes uma de Design, a outra de Educação Física. Ela me falou de você com carinho imensurável: que se conheceram na área Waimiri-Atroari, que viveram uma bela história de amor, que foram juntos para o doutorado dela em Linguística, em Tucson, no Arizona, terra dos parentes Navajo e Hopi, autores de obras de arte expostas no museu etnográfico localizado no campus da Universidade. Lá, vocês residiram durante quase cinco anos. Lá nasceram as meninas, fruto da relação amorosa.

COMBATE ÀS ENDEMIAS

Nascido na ilha Oscarina, Tapuruquara, no Rio Negro (AM), de pai Baniwa e mãe Tukano, familiarizado com várias línguas, incluindo o nheengatu e o português, você arrasou: “Chegou sem falar ‘good morning’ e em pouco tempo dominava a língua melhor do que eu” – me disse Ana Carla. Novos amigos gringos te levavam a um lugar para pescar trutas e se elas não prestavam para fazer quinhapira, pelo menos matabam as saudades do jaraqui e da farinha. Quando retornaram ao Brasil, com as duas meninas, depois de um tempo desempregados, a Ana foi trabalhar no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E você?

Dentro do ônibus, continuei ouvindo o relato da tua trajetória, o curso feito na Universidade Paulista (UNIP), a contratação como agente de combate às endemias pela Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS-AM). Teu destino começou a ser traçado ali, como guerreiro na luta contra a malária, a leishmaniose e outras doenças endêmicas em comunidades rurais, cuidando da saúde dos moradores ao longo da BR-174. Há quatro anos, você foi morar com uma irmã: “separados, mas com projetos de vida em comum para nossas filhas e contatos quase diários. A cada conquista delas, ele vibrava” – contou Ana Carla

Foi aí que ela, ainda no ônibus, me deu um exemplar do livro “Brilhos na Floresta” escrito em quatro línguas por Noêmia Kazue, Takehide Ikeda, a própria Ana Carla e você, com ilustrações de Hadna Abreu. Entrei em transe. Trata-se de livro encantador, que relata a entrada noturna na floresta em busca de fungos bioluminescentes. Minutos após apagarem as lanternas, um espetáculo deslumbrante: as árvores brilhavam. “Por que será que nunca vi isso antes?” – perguntou o biólogo Ikeda. Tua resposta foi uma lição magistral: “Porque você nunca apagou a lanterna. Os cientistas deviam saber que nem tudo que a gente procura pode ser encontrado iluminando. Às vezes, para ver, é preciso desiluminar”.

Dessa forma, você se tornou escritor e participou com os demais autores do lançamento do livro em São Gabriel e em Manaus, distribuindo autógrafos. Escrevi resenha sobre o livro e nos tornamos – você lembra? – amigos no Facebook. Foi nesse espaço que tomei conhecimento do teu calvário e de tua morte pelo coronavírus.

MORTE ANUNCIADA

Houve troca de mensagens com teus amigos desde a quinta-feira, 9 de abril. Transcrevo aqui algumas postagens.

Aldevan – A histeria, o vírus merda, a gripezinha tá só aumentando em nosso estado, todo cuidado é

pouco, previnam-se. Sigam a orientação do SUS e esqueçam o Bozo. Tou na linha de frente, quarentena a todos, esquerda ou direita, honro meu juramento. Já perdemos colega pra COVID-19, mas a luta continua.

Carlos – Brother, tem receio de estar na linha de frente não? Perigoso isso.

Aldevan – Brother, confesso que não, minha preocupação são [sic] com meus velhinhos (...)

Carlos – Tu vai morrer...

Aldevan (com ironia) – Carlos Batista, “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar”. Ai dentro no Bozo e bolsomínios. Vai que é tua, Carlos, faz arminha aí.

Você tentou várias vezes fazer o teste para o Corona, sem sucesso. Na quarta (15) você relata que, com febre, saiu em busca de atendimento e receitaram dipirona. Na quinta (16), uma piora: “Tou bem não, tou muito cansado e a febre continua. Quando faço algum esforço vem aquela ânsia de desmaio”. Na sexta (17), o quadro se agravou exigindo internação no Hospital João Lúcio, com remoção no dia seguinte para a UTI do Hospital Tropical. Entre idas e vindas, uma postagem revela que os testes rápidos enviados pelo Ministério da Saúde estão sendo usados para atender “favores políticos”:

“Um colega de plantão em uma unidade de saúde materno-infantil presenciou uma família inteira chegar para ser testada, de não profissionais, somente por serem amigos VIP (...) os profissionais, que estão na linha de frente, não têm direito a atestados ou afastamento (...) Proteger esses profissionais e seus pacientes não gera lucro POLÍTICO! Atender aos conhecidos que financiarão campanhas eleitorais gera benefícios”.

OS ESPÍRITOS DA FLORESTA

Domingo, 19 de abril, a FVS-AM informa que o caixão de Aldevan Brazão Elias, de 46 anos, desceu na cova do cemitério Parque Tarumã, em Manaus, às 18h22. Com ele, foi sepultado outro agente de saúde, Clauber da Silva Cavalcante. “Já morreram quatro agentes de endemias em Manaus” – informou ao Instituto Socioambiental (ISA) o teu irmão mais velho, André Brazão, ele também agente de saúde, chamando atenção para o simbolismo da data:

“Hoje é um dia marcado pra eternidade pra minha família (...) justamente seu enterro é no Dia do Índio, talvez seja uma grande homenagem dos espíritos da floresta”.

“Nosso amigo pagou com a vida pela incompetência e maldade de pessoas que estão no lugar errado” – escreveu Benjamin Baniwa.

“Muito triste isso! Fico imaginando que não é gripezinho como desgoverno tenha defendido” – registrou Artur Waliperi Baniwa no seu delicioso português.

“Aldevan, para mim e para meu povo Baniwa,

será lembrado assim, como defensor da vida de muitas pessoas atacadas pela Covid-19” – declarou André Fernando.

“Meu amigo Aldevan Baniwa, sentirei saudades. Lutou contra o genocídio e morreu vítima dele” – comentou a jornalista Verenilde Pereira.

Ah, é importante te lembrar: a Rosi Waikhon guardou sementes de baraturi, fruta regional que você pediu para plantar no teu quintal. Ela avalia que o teu encontro com a Noêmia consolidou o diálogo entre saberes vitais para a Amazônia: o da academia e o dos indígenas.

“O que fazer quando a gente perde pra Covid-19 o amigo que te guia no escuro da floresta? O que fazer neste luto escuro sem você, amigo Aldevan? Nem velório, nem uma flor, nem uma vela a gente pode acender hoje” – lamentou Noêmia, na hora do enterro.

Bem, meu amigo, os recados aqui estão dados. Prefiro usar o espaço com essa carta do que ocupá-lo com o tema do dia: a luta pela carniça do poder de dois cadáveres políticos, num espetáculo deprimente em que o presidente da República fala quase uma hora sobre ele, ele, ele, sem mencionar

uma só vez a calamidade em que está mergulhado o país, tendo ao seu redor outros urubus, entre os quais o palerma do ministro da saúde. É preciso desiluminar o Brasil para que o gado deixe de ser tangido ao abismo por pastores inescrupulosos.

Um sinal de esperança: no dia seguinte ao teu sepultamento, o Israel Dutra Tuyuka, o Pôrô – lembra dele? – colava grau como médico na Universidade do Estado do Amazonas e às 19 horas já estava dando seu primeiro plantão na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no mesmo bairro Tarumã, onde você foi sepultado. Olha que coincidência: ele tem 46 anos, a tua idade. A luta continua.

P. S. – Brother, se por acaso na festa do dabucuri do infinito você ler essa carta – sei lá, a gente nunca sabe! – avisa aos teus três amores Ana, Kaina e Wina que eu e outros leitores enviamos beijos afetuosos para elas, privilegiadas pela convivência com alguém como você. Ah, para tua informação: diante das reclamações, a administração do Parque deu comida aos patos e gansos, cessou o uivo desesperador.



José Ribamar Bessa Freire –
Professor. Cronista.
Gestor do site TaQuiPraTi.
(<http://www.taquiprati.com.br/>)



Ilustração: Hadna Abreu - Brilhos na Floresta



Foto: divulgação

A LENDA DO PICA-PAU GUARDIÃO

José Gil Barbosa Terceiro

O escritor Arthur Passos conta em seu livro *Lendas e Fatos: Crônicas do Rio Gurgueia*, a história do pica-pau guardião, que teria ouvido de moradores do Vale do Gurgueia, na região sul do Piauí.

O que se diz é que existe nas matas da região uma espécie de folha encantada, capaz de livrar a pessoa de todo tipo de mal, além de trazer sorte, riquezas, promover curas e ajudar na solução de diversos problemas. A questão é que, para conseguir a folha mágica, as pessoas precisam recorrer à ajuda do pica-pau, único ser da fauna piauiense que sabe encontrar a tal folha.

Assim, numa sexta-feira da Paixão, a pessoa deve ir para a mata e procurar um ninho de pica-pau, que geralmente fica dentro de um tronco. Ao encontrar o ninho, a pessoa deve esperar o pássaro sair e tapar a entrada do buraco e se esconder para não afugentar a ave, após seu retorno.

Quando o pássaro retorna ao lugar do ninho e encontra a entrada bloqueada, com os filhotes dentro, piando em desespero, o pica-pau corre em busca da folha mágica e, ao encostá-la no bloqueio, como que por magia, a entrada é liberada de pronto.

Assim, a ave entra no tronco em que fica o ninho para conferir os seus filhotes, deixando a folha cair ao chão. É nesse momento que a pessoa pode pegar a folha mágica, para usá-la como amuleto, ficando, assim, protegida contra todo tipo de mal.



José Gil Barbosa Terceiro
– Advogado. Folclorista.
Gestor do site <https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/>. Para essa lenda, o autor cita como fontes: NOLÊTO, Rafael. *Mitologia Piaçã: Deuses, Encantados, Espíritos e outros Seres Lendários do Piauí*. Teresina: Clube de Autores, 2019. PASSOS, Artur. *Lendas e Fatos: crônicas do Rio Gurgueia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

MIGUEL NICOLELIS: CIENTISTA TRANSPARENTE

Jaime Sautchuk

Ele encontra tempo pra montar experimentos científicos em locais públicos, aproximando as ciências das pessoas comuns. Não deixa de comparecer a eventos em que é premiado com frequência por sua atividade como pesquisador ou pelos resultados que apresenta. E tampouco lhe falta tempo pra encarar bate-bocas nas redes sociais da Internet com gente como o jornalista Diogo Mainardi, de posições direitistas, contrárias às dele.

Seu nome é Miguel Ângelo Laporta Nicolelis – ou apenas Miguel Nicolelis – paulista de nascimento, em 1961, formado em Medicina, com mestrado e doutorado em Fisiologia e Biofísica, professor e pesquisador de universidades no Brasil e nos Estados Unidos.

É conhecido no mundo inteiro como neurologista e cientista. No momento, ele coordena o Comitê Científico Consórcio Nordeste, criado pelos governadores dos nove estados daquela região com a função de gerir ações relacionadas à crise do Coronavírus.

No dia 7 de abril passado, ele foi o palestrante de videoconferência realizada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia (Sinjorba) e tratou de diversos temas. “O Brasil vive um estado de guerra e precisa conhecer a letalidade do inimigo”, disse ele ao se referir à crise do vírus. Expôs, ainda, os possíveis cenários de contágio, falou das ações do comitê para o combate ao vírus, ressaltou a importância dos sistemas públicos de saúde e defendeu uma reestruturação das relações financeiras no mundo.

Ferrenho defensor da quarentena como arma capaz de derrotar o avanço do vírus no país, ele defende as recomendações de autoridades internacionais. “O distanciamento social é a primeira grande forma de defesa”, afirmou. “Precisamos conhecer o inimigo, como ele vai infectar um grande número de pessoas, como os dados já mostram, quais são as fraquezas dele e como podemos nos defender”.

IMPORTÂNCIA DO SUS

Em sua intervenção, o pesquisador disse também que a comunidade científica considera o modelo de vários cenários para o enfrentamento da doença no país, todos com perdas de muitas vidas. “No cenário mais brando, estamos falando de dezenas de milhares de óbitos, e no cenário mais grave, apocalíptico, estamos falando de algo que pode chegar a um milhão ao longo de vários meses”, observou. E lembrou que podemos contar com o apoio da China, já que os EUA não irão se preocupar com outras nações no momento.

Nicolelis ressaltou, também, a importância do modelo do Sistema Único de Saúde (SUS) e defendeu a sua reestruturação, com mais investimentos. Segundo ele, o funcionamento de programas fundamentais como o Mais Médicos e o Farmácia Popular fazia do SUS um patrimônio nacional. E esses programas necessitam de financiamento.

“O sistema de saúde da Inglaterra, que era um dos melhores do mundo, foi devastado pelas políticas neoliberais e cortes de verbas públicas”, relembrou.

Do mesmo modo, apontou o neurocientista, os Estados Unidos, que não possuem saúde pública, “vão pagar um preço altíssimo”.

Diante do quadro de gravidade da situação, Nicolelis, no entanto, se diz esperançoso com o futuro. “A primavera vai voltar; a gente tem uma sensação de que roubaram a primavera da gente, mas a gente não pode tirar a primavera de dentro de nós”.

TRAJETÓRIA

A todos que o procuram com indagações sobre suas ideias, ele logo avisa que é ateu, embora respeite as religiões. Sua mãe é a jornalista e escritora Giselda Laporta Nicolelis, que se dedica à literatura infanto-juvenil, com temática variada.

Diversidade é, de igual modo, uma das qualidades do filho. No Brasil, entre outros feitos, ele criou e coordenou o Instituto Internacional de Neurociências de Natal (IINN), no Rio Grande do Norte, onde pesquisa a transmissão de informações entre dois animais localizados em locais diferentes. Em 28 de fevereiro de 2013, ele e sua equipe conseguiram conectar dois ratos pelos sinais de seus cérebros.

Nos EUA, Nicolelis é Professor Titular de Neurobiologia e Engenharia Biomédica e codiretor do Centro de Neuro-engenharia da Universidade Duke, em Durham, onde desenvolve pesquisa correlata dessa de Natal. Ele foi pioneiro no desenvolvimento e implementação de um novo método neurofisiológico, conhecido

hoje como gravações de crônicas, multis sites com multi eletrodos, abrindo uma nova área no estudo da neurofisiologia.

Em particular, esta nova área se concentra na medição da atividade neural simultânea e das interações de grandes populações de neurônios em todo o cérebro. Embora mais conhecido por seus estudos pioneiros na Interface Cérebro/Máquina e próteses neurais em pacientes humanos e outros primatas, ele também desenvolveu uma abordagem interativa no estudo das doenças neurológicas e psiquiátricas, inclusive o Mal de Parkinson, epilepsia, esquizofrenia e transtornos associados à deficiência de atenção.

Trabalhou também no campo da plasticidade sensorial, do gosto, do sono, das recompensas e do aprendizado. Seus trabalhos influenciaram a pesquisa básica e aquela aplicada nas áreas de informática, robótica e engenharia biomédica.

REFERÊNCIA

Em novembro de 2010, ele divulgou um documento de sua autoria intitulado *Manifesto da Ciência Tropical: um novo paradigma para o uso democrático da ciência como agente efetivo de transformação social e econômica no Brasil*.

Naquele documento, ele sugere que o Brasil se encontra diante de uma oportunidade única de potencializar seu desenvolvimento científico e educacional, através da cooperação entre ambos, e propõe quinze medidas necessárias para o país firmar-se como uma liderança mundial na produção e uso democratizante do conhecimento. O documento repete a ênfase na descentralização da produção científica e na aproximação entre pesquisa e escola, seguindo o exemplo do instituto de Natal.

Ele criou, também, a Associação Alberto Santos Dumont para Apoio à Pesquisa (AASDAP) e o Instituto Santos Dumont (ISD), entidade que tem como proposta de trabalho o uso da ciência como agente de transformação social e econômica. É mais uma atividade que desenvolve, sempre com espírito crítico, polêmico, com personalidade forte e atuante.

POLÊMICAS

Na abertura da Copa do Mundo de Futebol de 2014, que foi no Brasil, Nicolelis montou um espetáculo gigantesco pela dimensão dos componentes e pela ousadia da proposta. O evento foi transmitido via TV rigorosamente ao mundo inteiro. Tudo se justificava, segundo ele, pela oportunidade de mostrar ao mundo que no Brasil, além do esporte, se faz ciência e tecnologia também.

Um paraplégico de 29 anos deu um “chute simbólico” em uma bola de futebol na abertura da Copa do Mundo do Brasil, utilizando o exoesqueleto, equipamento desenvolvido pela equipe de Nicolelis. O chute foi na Arena Corinthians, numa cena muito rápida. Integrantes do projeto “Andar de Novo” apareceram com o voluntário, que estava em pé e já utilizava o exoesqueleto. Ele deu um passo com a perna direita e movimentou a bola, recolhida por um ator mirim, caracterizado de árbitro de futebol.

Inicialmente, a equipe de cientistas havia divulgado que o voluntário caminharia alguns passos para dar o simbólico “chute inaugural” do campeonato. Mas a organização do evento reservou apenas 29 segundos ao chute, fato que foi criticado de pronto por Nicolelis.

“A Fifa nos informou que nós teríamos 29 segundos para realizar um experimento difícilíssimo. Nunca ninguém fez uma demonstração em 29 segundos de robótica. Isso não existe em lugar nenhum do mundo. Foi um esforço dramático de todas essas pessoas que estão aqui. E nós realizamos em 16”, disse Nicolelis. O evento acabou gerando polêmicas na grande mídia e nas redes sociais, com críticas de jornalistas e esportistas, todas rebatidas pelo cientista.

Em outras ocasiões ele encarou críticas com firmeza, sem correr da raia. Em 2007, por exemplo, Roberto Lent, Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), acusou a equipe do IINN (presidido por Nicolelis e, à época, dirigido por Sidarta Ribeiro, seu pupilo e que definia o mentor como “o Pelé da Neurociência”) de “captar recursos públicos, correndo por fora dos canais abertos ao restante da comunidade científica”. Após resposta vigorosa de Nicolelis, que acusou Lent de ser “do contra” e fazer parte do grupo dos “que não fazem e não deixam fazer”,

a Sociedade Brasileira de Neurociências entrou na contenda até a paz chegar.

Em 26 de julho de 2011, o jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria relatando a cisão entre Miguel Nicolelis e seus colaboradores ligados ao pesquisador Sidarta Ribeiro. Versão recorrente no meio acadêmico dá conta de que a crise foi motivada por um crescente egocentrismo dos últimos, especialmente devido a críticas de Nicolelis relacionadas ao baixo impacto das pesquisas desenvolvidas por eles.

Em 2012, entrou em atrito com o colunista Reinaldo Azevedo, da revista Veja, sendo acusado por este de fazer lobby contra José Serra. Nicolelis, em uma rede social, teria tentado desqualificar Serra, afirmando que o político do PSDB seria defensor da frenologia.

INDICAÇÃO DO PAPA

Sem polêmicas, porém, Nicolelis foi nomeado pelo Papa Bento XVI como Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências. Fundada em 1603, em Roma, a Pontifícia Academia de Ciências foi a primeira academia científica do mundo, tendo como um dos históricos membros Galileu Galilei.

Atualmente, a instituição conta com cerca de 80 acadêmicos de várias partes do mundo, todos nomeados pelo Papa, sob indicação do corpo acadêmico, sem nenhum tipo de discriminação. O objetivo do órgão é promover a pesquisa e examinar questões científicas de interesse da Igreja.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Foto: divulgação



HORA DE DESCOBRIR UM PARAQUEDAS

Ailton Krenak

O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer que exatamente a gente não quer perder. Parece que todos os artificios que foram buscados pelos nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação.

Quando se transfere isso para a mercadoria, para os objetos, para as coisas exteriores, se materializa no que a técnica desenvolveu, no aparato todo que foi sobrepondo ao corpo da mãe Terra. Todas as histórias chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura.

Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras condições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar.

O desconforto que a ciência moderna, as tecnologias, as movimentações que resultaram naquilo que chamamos de “revoluções de massa”, tudo isso não ficou localizado em uma região, mas cindiu o planeta a ponto de, no século XX, termos situações como a Guerra Fria, em que você tinha,

de um lado do muro, uma parte da humanidade, e a outra, do lado de lá, na maior tensão, pronta para puxar o gatilho para cima dos outros.

Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de lá do muro e um do lado de cá, ambos tentando adivinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo, é uma queda. Então a pergunta a fazer seria: “Por que tanto medo assim de uma queda, se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?”

Já caímos em diferentes escalas e em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair. Sentiremos insegurança, uma paranoia de queda porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos, que confortavelmente carregamos em grande estilo, mas passamos o tempo inteiro morrendo de medo.

Então, talvez o que a gente tenha que fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra.



Ailton Krenak
- Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em “Ideias para adiar o fim do mundo”. Companhia das Letras. 2019.

Pratique um ato de amor!

FIQUE em CASAS

Salve vidas!

TEMPO DE RESISÊNCIA, TEMPO DE ESPERANÇAR

Bia de Lima

Vivemos, no 1º de maio, o Dia da Classe Trabalhadora mais atípico desde a redemocratização brasileira, nos anos 1980. Pela primeira vez, desde a longa noite da ditadura militar (1964-1985), não houve um pronunciamento ou sequer uma nota de saudação do presidente aos trabalhadores e às trabalhadoras do Brasil.

Por conta da pandemia, nosso abraço a todas as categorias de trabalhadores/as do setor público e do setor privado, do campo e da cidade, e especialmente aos e às profissionais da educação, teve que ser virtual. Cumprimos, com consciência e responsabilidade, o distanciamento social recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelas autoridades sanitárias de nosso país.

Entretanto, o isolamento físico não nos impediu de seguir em luta e em resistência na defesa dos e das profissionais da educação, uma vez que os governos vêm retirando nossos direitos de forma contínua e sucessiva. Vem sendo assim com a Reforma Trabalhista, com a Reforma da Previdência. Seguem os ataques a quem está na ativa, seguem os ataques a quem já se aposentou.

Em Goiânia, em meio ao pico da pandemia, a Prefeitura manda embora mais de três mil profissionais com contratos temporários. Os que ficam, há relatos de que estão recebendo até 70% menos. É cruel e desumano cortar o salário, tirar a renda de quem mais precisa, justo no momento em que quem tem menos mais precisa.

Em abril, o Governo Estadual deu início ao desconto previdenciário de 14,25% nos proventos dos/as aposentados/as do serviço público. A cobrança foi aprovada com a Reforma da Previdência, no final do ano passado, cuja proposta sempre foi questionada pelo SINTEGO, que lutou bravamente contra a sua efetivação.

Ao receberem os contracheques deste mês, os/as aposentados/as sentiram o desconto previdenciário de 14,25% em seus proventos. O SINTEGO esclarece que sempre se posicionou contrário a essa medida e lutou bravamente contra a proposta do governo Caiado, aprovada pela Assembleia Legislativa em 21 de dezembro de 2019, um sábado, com 26 votos, após várias manobras políticas e depois de uma batalha judicial sobre os vícios e irregularidades presentes na tramitação do projeto.

A Reforma da Previdência foi apresentada às vésperas do Natal, justamente para não envolver os/as principais interessados/as: servidores/as públicos/as, tanto os/as que estão na ativa, como os/as que já se aposentaram. Gente que contribuiu por 30, até 40 anos, e volta a ter descontos nos vencimentos, valores que chegam a R\$ 780 reais. Certamente, os valores descontados pelo governo são essenciais para a sobrevivência dessas pessoas e farão muita diferença na qualidade de vida de cada um/a.

Sabemos que cada aposentado/a do serviço público já deu a sua imensurável contribuição à sociedade e agora se vê penalizado/a, tendo que pagar pela má gestão do fundo previdenciário, por decisões de políticos inconsequentes e pela falta de zelo correto dos recursos. O governo Bolsonaro orientou, e o governo Caiado seguiu à risca as regras ditadas, aprovando a maldita Reforma em Goiás.

Para que ninguém se esqueça, compartilhamos aqui a lista dos deputados que votaram a favor da Reforma da Previdência:

Henrique César (PSC)/Jeferson Rodrigues (Republicanos)/Diego Sorgatto (PSDB)/Paulo Cezar Martins (MDB)/Lissauer Vieira (PSB)/Chico KGL (DEM)/Dr. Antônio (DEM)/Bruno Peixoto (MDB)/Humberto Aidar (MDB)/Tião Carçoço (PSDB)/Wilde Cambão (PSD)/Rubens Marques (Pros)/Iso Moreira (DEM)/Amauri Ribeiro (PRP)/Álvaro Guimarães

(DEM)/Rafael Gouveia (PP)/Zé Carapô (DC)/Charles Bento (PRTB)/Cairo Salim (Pros)/Vinicius Cirqueira (Pros)/Paulo Trabalho (PSL)/Amilton Filho (Solidariedade)/Thiago Albernaz (Solidariedade)/Wagner Neto (Pros)/Julio Pina (PRTB)/Coronel Adailton (PP).

Esses parlamentares executam o projeto de destruição do serviço público e dos/as trabalhadores/as, articulado pelo governo federal e que se estendeu aos Estados, de forma geral, é ardiloso e, por isso, necessita ser executado aos poucos, tirando sempre de quem tem menos.

A situação é revoltante. O SINTEGO foi um dos sindicatos que mais mobilizaram, chamou a categoria a estar presente nas votações, no entanto, muitos estavam na sala de aula e não puderam participar, outros achavam tão absurdo, pensando que seria improvável. Passamos quase todo o mês de dezembro de 2019 mobilizados e acampados/as na Alego, para impedir tamanha prejuízo aos/as trabalhadores/as, pressionamos os parlamentares durante as votações das matérias, mas infelizmente a Reforma foi aprovada.

Muitos/as deputados/as estiveram firmes ao nosso lado, mas a maioria não resistiu ao chamado do governo e a suas ofertas. Milhões foram distribuídos e prometidos em forma de emendas. Deputados foram expulsos da base do governo porque se posicionaram a favor dos/as servidores/as públicos/as.

Nós alertamos que ninguém escaparia da crueldade da Reforma, nem quem já havia se aposentado. Muitos/as não acreditaram e agora viram no próprio contracheque o efeito devastador das medidas adotadas pelo governo, para resolver o problema financeiro de Goiás, que não foi criado pelos/as servidores/as públicos/as. O SINTEGO chegou a pedir uma CPI para investigar o destino dos recursos descontados e que não existem mais, mas não aceitaram. Será por quê???

O SINTEGO, mais uma vez, reforça que não desiste da luta e, sabendo do momento difícil que todos/as enfrentamos, busca através de ADIN (Ação Direta de Inconstitucionalidade) reverter a medida. Porém, não será fácil.

Estamos, como dizia o educador Paulo Freire, em tempos de esperar: *“É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Por que isso? Porque tem*

gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. ‘Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva’”. Já esperar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperar!

Nesses nossos tempos de esperar, seguiremos em luta por nossos direitos, pelo Piso Salarial, pela Data-Base, pelas condições de trabalho, por tudo isso que é obrigação do Governo para com os/as trabalhadores/as, que não se cumpre, apesar da nossa movimentação e cobrança.

A direção do Sindicato chama os/as servidores/as para, juntos/as, reclamarmos aos verdadeiros culpados. Políticos que ganharam as eleições prometendo defender a Educação e seus profissionais, até mesmo dizendo que devolveriam a Gratificação de Titularidade, e depois enganam os/as eleitores/as. Contamos com sua ajuda, participando das atividades e mobilizações. Seguiremos lutando bravamente!

Cada vida importa! Fiquem em casa!



Bia de Lima
Presidenta da CUT-
Goiás e do SINTEGO



SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiação à



O QUE PODERÁ VIR DEPOIS DO CORONAVÍRUS?

Leonardo Boff



Muitos já sentenciaram: depois do coronavírus não é mais possível levar avante o projeto do capitalismo como modo de produção nem do neoliberalismo como sua expressão política. O capitalismo é somente bom para os ricos; para os demais é um purgatório ou um inferno e para a natureza, uma guerra sem tréguas.

O que nos está salvando não é a concorrência – seu motor principal – mas a cooperação, nem o individualismo – sua expressão cultural – mas a interdependência de todos com todos.

Mas vamos ao ponto central: descobrimos que a vida é o valor supremo, não a acumulação de bens materiais. O aparato bélico montado, capaz de destruir por várias vezes a vida na Terra se mostrou ridículo em face de um inimigo microscópico invisível, que ameaça a humanidade inteira.

Seria o Next Big One (NBO) o qual temem os biólogos, “o próximo Grande Vírus”, destruidor do futuro da vida? Não cremos. Esperamos que a Terra tenha ainda compaixão de nós e nos dê apenas uma espécie de ultimato.

Já que o vírus ameaçador provém da natureza, o isolamento social nos oferece a oportunidade de nos questionarmos: qual foi e como deve ser nossa relação face à natureza e, em termos mais gerais, face à Terra como Casa Comum? Não são suficientes a medicina e a técnica, por mais necessárias.

Sua função é atacar o vírus até exterminá-lo. Mas se continuarmos a agredir a Terra viva, “nosso lar com uma comunidade de vida única”, como diz a Carta da Terra (Preâmbulo), ela contra-atacará de novo com pandemias mais letais, até uma que nos exterminará.

Ocorre que a maioria da humanidade e dos chefes de Estado não têm consciência de que estamos dentro da sexta extinção em massa. Até hoje não nos sentíamos parte da natureza, e nós humanos a sua porção consciente; nossa relação não é para com um ser vivo, Gaia, que possui valor em si mesmo e deve ser respeitado, mas de mero uso em função de nossa comodidade e enriquecimento. Exploramos a Terra violentamente a ponto de 60% dos solos terem sido erodidos, na mesma proporção as florestas úmidas e causamos uma espantosa devastação de espécies, entre 70–100 mil por ano. É a vigência do antropoceno e do necroceno. A continuar nessa rota, vamos ao encontro de nosso próprio desaparecimento.

Não temos alternativa senão, fazermos nas palavras da encíclica papal “sobre o cuidado da Casa Comum” uma “radical conversão ecológica”. Nesse sentido, o coronavírus é mais que uma crise como outras, mas a exigência de uma relação amigável e cuidadosa para com natureza.

Como implementá-la num mundo montado sobre a exploração de todos os ecossistemas? Não há projetos prontos. Todos estão em busca. O pior que nos pode acontecer, seria, passada a pandemia, voltarmos ao que era antes: as fábricas produzindo a todo vapor mesmo com certo cuidado ecológico. Sabemos

que grandes corporações estão se articulando para recuperar o tempo e os ganhos perdidos.

Mas há que conceder que esta conversão não poderá ser repentina, mas processual. Quando o Presidente francês Maccron disse que “a lição da pandemia era de que existem bens e serviços que devem ser colocados fora do mercado” provocou a corrida de dezenas de grandes organizações ecológicas, tipo Oxfam, Attac e outras pedindo que os 750 bilhões de Euros do Banco Central Europeu destinados a sanar as perdas das empresas fossem direcionados à reconversão social e ecológica do aparato produtivo em vista de mais cuidado para com a natureza, mais justiça e igualdade sociais.

Logicamente isso só se fará ampliando o debate, envolvendo todo tipo de grupos, desde a participação popular ao saber científico, até surgir uma convicção e uma responsabilidade coletivas.

De uma coisa devemos ter plena consciência: ao crescer o aquecimento global e ao aumentar a população mundial, devastando habitats naturais e assim aproximando os seres humanos aos animais, estes transmitirão mais vírus que encontrarão em nós novos hospedeiros para os quais não estamos imunes. Daí surgirão as pandemias devastadoras.

O ponto essencial e irrenunciável é a nova concepção da Terra, não mais como um mercado de negócios colocando-nos como senhores (*dominus*), fora e acima dela mas como um super Ente vivo, um sistema autorregulador e autocriativo, do qual somos a parte consciente e responsável, junto com os demais seres como irmãos (*frater*).

A passagem do *dominus* (dono) a *frater* (irmão) exigirá uma nova mente e um novo coração, isto é, ver de modo diferente a Terra e sentir com o coração a nossa pertença a ela e ao Grande Todo. Junto a isso o sentido de inter-retro-relacionamento de todos com todos e uma responsabilidade coletiva face ao futuro comum. Só assim chegaremos, como prognostica a Carta da Terra, a “um modo sustentável de vida” e a uma garantia de futuro da vida e da Mãe Terra.

A atual fase de recolhimento social pode significar uma espécie de retiro reflexivo e humanístico para pensarmos sobre tais coisas e a nossa responsabilidade face a elas. O tempo é curto e urgente e não podemos chegar tarde demais.



Leonardo Boff – Escritor. Teólogo. Escreveu como cuidar da Casa Comum, Vozes 2018 e A opção Terra: a solução da Terra não cai do céu, Record 2009.



ISHTAR:

GRANDE MÃE A CORRER OS CÉUS, DONA DO CINTURÃO DE ESTRELAS

Iêda Vilas-Bôas – Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno

Ishtar, Innana, Nanna, Astarte, Starte, Istar, ou conhecida pelo seu nome mais famoso: Ísis. Aquela que abençoou a Rainha Cleópatra com uma estrela de luz radiante que percorre a história até os dias de hoje é a Deusa-Mãe, uma das suas faces, dando ao grão, sendo ele o que for, luz para que haja o brotar fértil de desejos e de fartura.

Sua propagação de energia sempre foi saudada em diversas culturas como de tamanha força que ela era a mais amada e a mais temida. Hoje é conhecida ou reverenciada por alguns estudiosos ou membros de seitas que cultuam o Sagrado em suas múltiplas formas.

Inana, a fértil e certa mãe, é quase que totalmente desconhecida para aqueles que creem numa cultura propagada, baseada no monoteísmo bíblico e na homogeneidade.

Seus passos e rastros de luz foram cobertos pela turva visão de delimitação de religiões, numa imperfeição machista em que à mulher é deixada a parte da dor, do sofrimento, da depressão volúvel, de um feminino estigmatizado, da mulher que descia pelo mar às trevas quando triste a chorar, ou mesmo ainda dos contos e dos mitos que envolvem a maldade, o despudor e outros substantivos que mancham o papel, a força e a ação da mulher nos tempos de outrora e nos tempos de hoje.

Embora algumas partes, provavelmente as mais lucráveis, tenham sido recicladas no cristianismo: a tradição dos ovos e do coelho, que é símbolo da vida na Páscoa, era tradição milenar de diversos cultos à deusa desde muito antes do cristianismo.

Mas não é desta Ishtar renegada que queremos falar. A Ishtar ou Inanna, que saudamos, é a rainha do céu e a regente das estrelas. Acredita-se que Ishtar também era uma estrela e viera, ela mesma, de uma estrela que brilha no amanhecer e no entardecer e é o ponto central de seu culto.

Ishtar é uma força poderosa intuitiva ligada ao início do universo, conhecedora de todos os segredos

e uma excelente professora de ciências liberais. A fertilidade é a própria germinação do universo e de todo o conhecimento que há nele, e vem de sua luz.

As constelações zodiacais antigamente já levaram seu nome, eram conhecidas pelos antigos como o "cinturão de Ishtar". Conta-se que é ela quem percorre o céu todas as noites em uma carruagem puxada por leões reluzentemente dourados, controlando o movimento dos astros e as mudanças do tempo.

Muitos eram os títulos que lhe foram atribuídos – "Mãe dos Deuses, A Brilhante, Criadora da Vida, Condutora da Humanidade, Guardiã das Leis e da Ordem, Luz do Céu, Senhora da Luta e da Vitória, Produtora de Sementes, Senhora das Montanhas, Rainha da Terra".

Ishtar foi cultuada por milênios como a grande Deusa que carregava todo o encanto e força do sagrado feminino. Era de seu poder também a força criadora e destruidora da vida. Essa força se fazia ver pelas fases da lua nova, crescente e cheia, que favorecem o desenvolvimento e a expansão. No período de lua minguante, respeitase e cultua-se a finalização dos ciclos anteriores. É ela quem traz o sol todas as manhãs e o deita no colo da lua todas as noites.

Era considerada a Deusa da fertilidade. Era dela o poder de reprodução e crescimento dos campos, dos animais e dos seres humanos. Foi nesta qualidade que se tornou a Deusa do Amor, que teria descido do planeta Vênus, acompanhada de suas seguidoras sacerdotisas *Ishtaritu*, que ensinaram aos homens a sublime arte do êxtase: sensorial e espiritual.

Os seus arquétipos nos mostram Ishtar como a mãe que segura os seios fartos, a virgem guerreira, a insinuante sedutora, a sábia conselheira, a juíza imparcial, o coelho fértil, ligeiro e simpático, sempre aos seus pés, bem como os ovos a germinar vida.

Ishtar tinha também o poder de descer ao mundo subterrâneo e ficar por ali uma temporada. Quando isso acontecia, era por sua falta que o mundo sofria, havia uma época de terrível depressão e desespero sobre a Terra. Sem a presença de Ishtar nada podia ser concebido, nenhum ser podia procriar, a natureza inteira mergulhava na inércia e inação, chorando por sua volta. Causava revolta essa ausência, e ela então era chamada de "Mãe Terrível, Deusa da Tempestade e da Guerra, Destruidora da vida, Senhora dos Terrores Noturnos e dos Medos".

E por que Ishtar submergia? Era ali, naquele mundo, que ela podia ensinar os mistérios, revelar as coisas ocultas, propiciar presságios e sonhos, permitir o uso da magia, o alcance da sabedoria e a compreensão dos ciclos da vida e da natureza.

Em culturas múltiplas, era ela: polaridade em seu poder e cumplicidade com a formação e reformação, a criação e recriação – a fertilidade. Em suas formas variadas e mutantes, Ishtar desempenhava as habilidades da essência feminina, era a personificação do princípio feminino como o Yn, tanto como o de Anima.

As mulheres da Babilônia, Suméria, Anatólia, Mesopotâmia, celebravam e cultuavam Ishtar na lua cheia e lhe ofertavam velas, flores, perfumes, mel e vinho, cantavam-lhe hinos, dançavam em sua homenagem e invocavam suas bênçãos para suas vidas, suas famílias e sua comunidade.

Ishtar, ainda hoje, é uma deusa associada ao amor, ao erotismo, à fecundidade e à fertilidade. Representa o planeta Vênus e seus símbolos mais importantes, em seu atual culto, incluem o leão e a estrela de oito pontas.

Com o nascer do cristianismo, Inana-Ishtar perde seu lugar no panteão dos deuses. Encontramos menção aos seus poderes e nomes na Bíblia Hebraica, da qual folhas foram suprimidas a mando do patriarcado.

Não era prudente ter uma deusa a quem as mulheres se voltavam para o nascer, o morrer e toda espécie de ajuda.

Ishtar também dominava outras divindades, inclusive o deus da sabedoria. Inana era a executora da justiça divina. Incrível como o passar dos séculos tentou suplantar tamanho poder (mas sua luz ainda percorre o vão do espaço e tempo, levando conhecimento para quem a procura).

Foi renegada pelo monoteísmo, calada pelos interesses prementes, reduzida a mito, a lenda, a histórias mal contadas, Ishtar sempre foi e será o sustentáculo da feminilidade, o socorro no desamparo da mulher e na superação da crença na fraqueza feminina. E com status de poder equiparado a qualquer um dos mais fortes Deuses.

Estamos atravessando um portal e que todas as Deusas do Sagrado feminino possam assumir seu lugar no telúrico, na alma e no ser sobrevivente desse caos, para que o equilíbrio possa reinar na natureza. Luz a sua força, sempre, em cada sombra.

Que se faça e aconteça, neste tempo, o seu clarão iluminando a vida. Salve!



Iêda Vilas-Bôas – Escritora.



Reinaldo Filho Vilas Boas Bueno – Escritor.

TAXAR APENAS
0,3%
DOS MILIONÁRIOS
PODE TIRAR
70%
DO POVO
BRAILEIRO
DA MISÉRIA

SÓ ESSES
AQUI →



ASSINE O
ABAIXO ASSINADO EM:
change.org

APOIO

CNE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
GUT BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



XAPURI

CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.
VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL R\$ **210**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL R\$ **270**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE